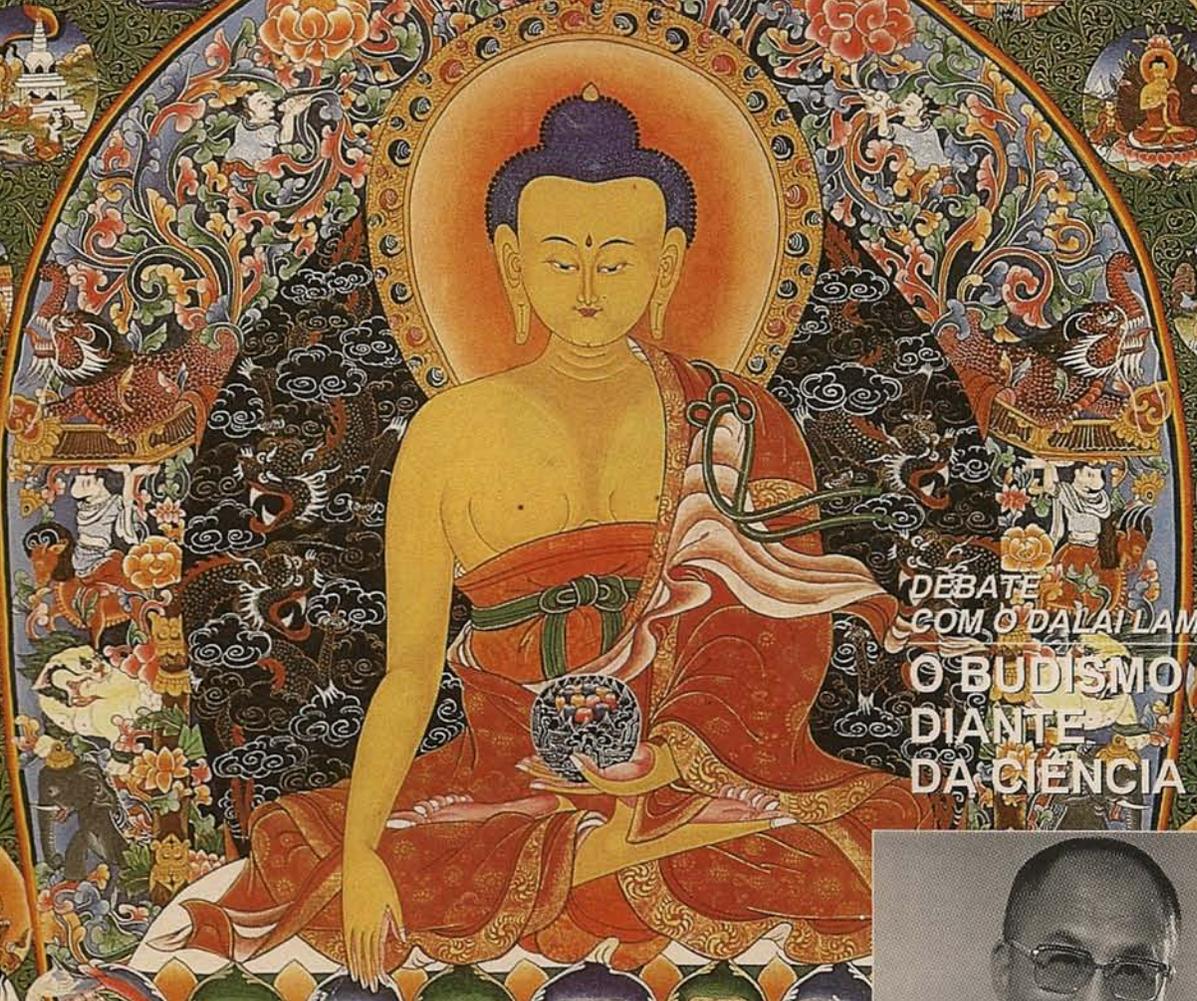


TEGTON



UMA PUBLICAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO FALANG ARGENTINA

Nº 58 (1982) C/\$ 9.000,00



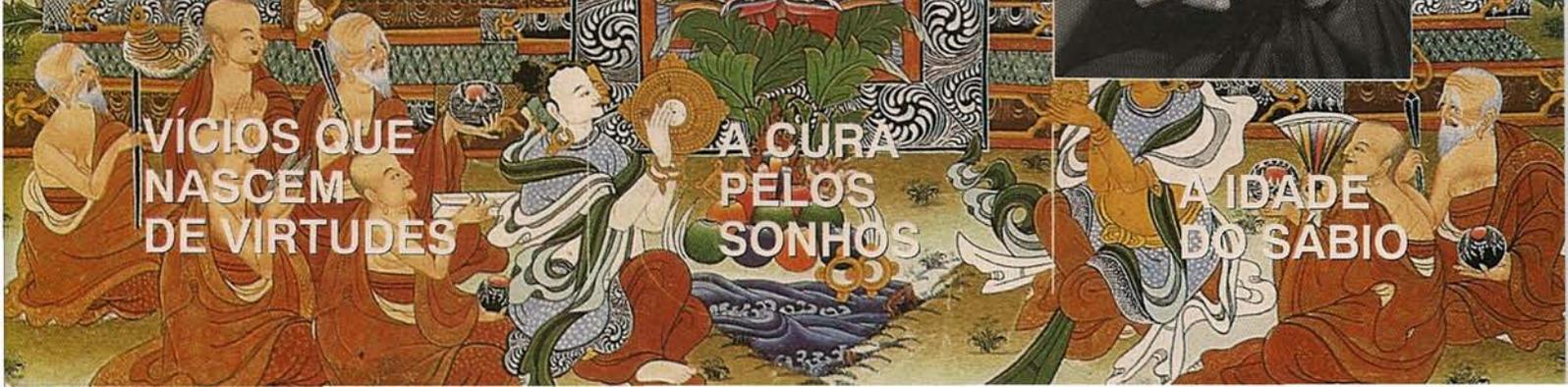
DEBATE COM O DALAI LAMA: O BUDISMO DIANTE DA CIÊNCIA



VÍCIOS QUE
NASCEM
DE VIRTUDES

A CURA
PÉLOS
SONHOS

A IDADE
DO SÁBIO





ASSOCIAÇÃO PALAS ATHENA CENTRO DE ESTUDOS FILOSÓFICOS

SEDE CENTRAL

Rua Leôncio de Carvalho, 99 - Paraíso - São Paulo - SP
CEP. 04003 - Tel.: (011) 288 7356 e 283 0867

GRÁFICA E EDITORA PALAS ATHENA

Rua José Bento, 384 - Cambuci - São Paulo - SP
cep. 01523 - Tel.: (011) 279 6288 e 270 6979

CENTRO PEDAGÓGICO CASA DOS PANDAVAS

Bairro do Souza - Município de Monteiro Lobato - SP
CEP. 12250

CENTRO DE ESTUDOS PALAS ATHENA (Bauru)

Rua 13 de Maio, 12-16 - Bauru - SP
CEP. 17015 - Tel.: (0142) 23 4424

CENTRO DE ESTUDOS PALAS ATHENA (Santos)

Rua Joaquim Távora, 80 - Santos - SP - CEP. 11065

THOT é uma publicação multidisciplinar da Associação Palas Athena. Seu nome é a forma grega de uma antiga divindade egípcia padroeira dos escribas e dos matemáticos, criadora da escrita, fundadora da ordem social, intérprete e conselheira dos deuses. Geralmente representado com a cabeça de íbis, Thot manifesta a essência do pensamento criador.

THOT Nº56 - JUNHO/1992
tiragem: 6.000 exemplares

Editores

Associação Palas Athena do Brasil
Lia Diskin
Basílio Pawłowicz
Primo Augusto Gerbelli

Editor de Texto
Graciela Karman

Revisão Técnica
Lia Diskin

Equipe Thot

Carmen Fischer, George Barcat,
Isabel Cristina M. de Azevedo,
Lucia Brandão S. Moufarrige,
Lucia Benfatti Marques,
Maria do Carmo de Oliveira,
Maria Helena Zockun,
Maria Léa Schwarz,
Nilton Almeida Silva, Roberto Ziemer,
Odette Lara, Therezinha Siqueira
Campos, Verônica Rapp de Eston

Editor de Arte

Roberto Sanz

Produção

Basílio Pawłowicz,
Emílio Moufarrige, Sérgio Marques

Impressão e Distribuição

Gráfica e Editora Palas Athena

Fotolito Capa

Binho's Fotolito

Assinaturas

Collaço Veras

Colaboradores

Álvaro Celso Guimarães (Bélgica)
Conrad Richter (Canadá)
Dulce Catunda (EUA)
Françoisé Trapenard (França)
Henryk Skolimowski (EUA)
Maria Cristina Flores (Argentina)
Manoel Vidal, Pierre Weil (Brasil)
Takeshi Assaoka (Brasil)
Tica Broch (Suíça)

Não publicamos matérias redacionais pagas. Permitida a reprodução, citando a origem. Os números atrasados são vendidos conforme a última tabela de preços publicada pela Editora Palas Athena. Periodicidade: trimestral. Assinatura por 4 (quatro) números: Cr\$ 36.000,00 (trinta e seis mil cruzeiros) - preço sujeito a alteração sem aviso prévio - cheque em nome da Associação Palas Athena do Brasil, Rua Leônício de Carvalho, 99 (Parafuso), CEP 04003, São Paulo, SP.
Fones: (011) 288.7356 e 283.0867.
A responsabilidade pelos artigos assinados cabe aos autores.
Matrícula nº 2046. Registro no DDCP do Departamento de Polícia Federal sob nº 1586 P 290/73.



CAPA:

Tanka do Buda Sakyamuni, confeccionada no Mosteiro de Sera, Tibete. Foto de Linda Conde, cedida por William Ribeiro de Farias.

Boas-vindas ao Dalai Lama

Este é um número muito especial pois, de coração, estamos dando boas-vindas a Tenzin Gyatso, XIV Dalai Lama, em sua primeira visita ao Brasil.

O interesse de vários setores pela vinda de Sua Santidade – que retoma com inabalável força a obra de Mahatma Gandhi – prova a oportunidade de sua mensagem de não-violência e cooperação: o vigor com que ela ecoa na cultura emergente deste fim de século é inegável.

Congratulamo-nos com a sociedade civil, com a comunidade religiosa e acadêmica e com a imprensa brasileira. Elas nos propiciaram o privilégio de contar com tão iluminadora presença.

OS EDITORES

ÍNDICE

Debate com o Dalai Lama: O budismo diante da ciência	2
O outro lado da virtude Martin Lings	19
O coração da filosofia Jacob Needleman	25
A cura pelos sonhos Roberto Ziemer	29
Terceira idade: o domingo da vida Verônica Rapp de Eston	38
Uma questão de vida ou morte Carmen Fischer	46
Espiritualidade ecológica Henryk Skolimowski	48

D E B A T E

O BUDISMO DIANTE DA CIÊNCIA

Em outubro de 1987, cinco cientistas ocidentais reuniram-se, durante uma semana, com Sua Santidade o Dalai Lama em Dharamsala, Índia. Se o tom da discussão foi informal, o tema foi dos mais relevantes: debatia-se a proximidade entre o budismo e as ciências cognitivas.

Participaram da discussão o dr. Newcom Greenleaf, especialista em inteligência artificial e professor de Informática na Universidade de Colúmbia, o dr. Jeremy Hayward, do Instituto Naropa em Boulder, Colorado, que falou sobre metodologia científica, o dr. Robert Livingston, da Universidade de San Diego, Califórnia, que falou sobre o desenvolvimento do cérebro, a dra. Eleanor Rosch, da Universidade da Califórnia em Berkeley, que falou sobre ciência cognitiva e o dr. Francisco Varela, neurobiologista da Escola Politécnica de Paris.

Além dos cientistas, contou-se com a colaboração de dois intérpretes, Thubten Jinpa, monge e estudioso de epistemologia e lógica budista da Universidade de Ganden e B. Alan Wallace, ex-monge e pupilo de Sua Santidade e atual diretor espiritual da Dharma Friendship Foundation em Seattle, Washington. Também estavam presentes dois eruditos tibetanos, Geshey Yeshe Thapkey, do Instituto de Estudos Tibetanos em Sarnath e Geshey Palden Dakpa, da Tibet House em Nova Delhi, que Sua Santidade consultou sobre questões técnicas.

A seguir, alguns trechos do debate, extraídos

da revista *Chö-Yang* – número especial, Dharamsala, Índia, 1991, e aqui editados com autorização da mesma.

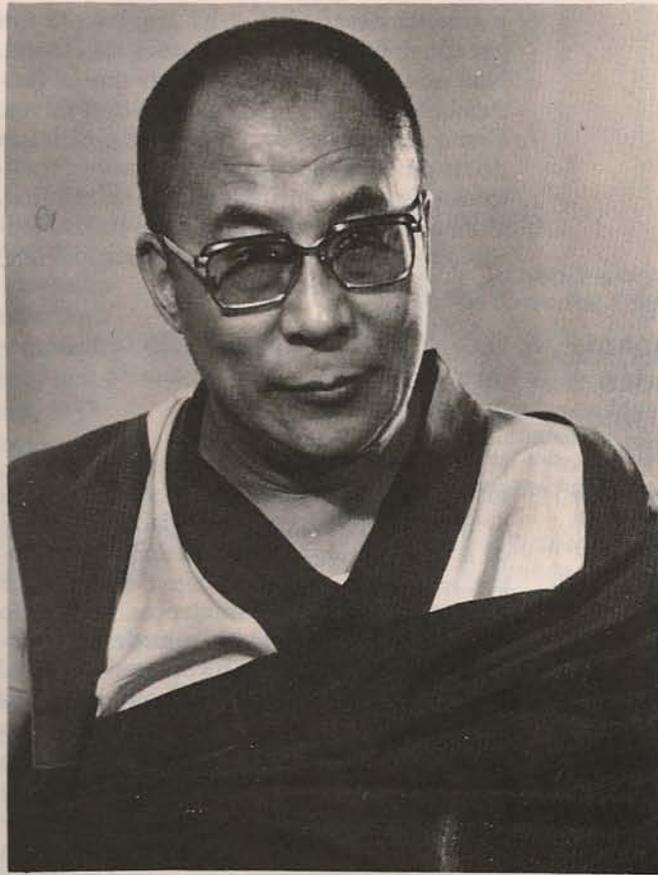
DALAILAMA: O trabalho conjunto das tradições científicas ocidentais e do conhecimento acerca do desenvolvimento mental oriental é de relevante importância. Em algum momento as pessoas tiveram a impressão de que estas duas tradições são muito diferentes e incompatíveis. Nos últimos anos, no entanto, ficou claro que este não era exatamente o caso. Por isso, este tipo de diálogo é extremamente importante, como um meio de contribuirmos com algo para a humanidade do futuro, possibilitando a cada tradição beneficiar-se da outra. Esta é uma das metas. Creio também ser muito importante os budistas compreenderem as recentes descobertas científicas relativas à natureza da mente, as relações entre mente e cérebro, e a natureza da consciência – este tipo de coisas. Por exemplo, se a consciência existe ou não como entidade distinta. Por isso, gostaria também de apresentar algumas destas explicações ocidentais aos budistas em geral e aos budistas tibetanos em particular.

Tradução:
Carmen Fischer,
Léa Schwarcz e
Verônica Rapp de Eston

[Introduções: Hayward faz um breve resumo da história da pesquisa científica.]

HAYWARD: Em primeiro lugar, permitam-me ler algo sobre mecanicismo ou materialismo mecânico, a filosofia que dominou a ciência ocidental na virada do século. "O materialismo mecânico é a visão de que a ciência pode apresentar um quadro do mundo firmemente fundamentado na pesquisa empírica ou experimental, em lugar de especulações filosóficas. Neste quadro, a matéria é primordial e não há dúvidas quanto à existência de um mundo real e objetivo, independente de percepções individuais. A ciência é a descoberta de mecanismos e leis através dos quais este mundo objetivo funciona". Esta é a reivindicação principal do mecanicismo e creio que vale a pena mencionar três aspectos deste ponto de vista. O primeiro é o reducionismo, a crença de que o mundo objetivo consiste de partículas fundamentais e nada mais, e de que tudo, inclusive a inteligência humana, é explicável através das leis que regem estas partículas no espaço e no tempo. O segundo aspecto é o determinismo, que reivindica que o completo entendimento de todas as partículas agora existentes no universo levará ao conhecimento de todos os estados futuros do universo, pressupondo que tempo e espaço sejam uniformes e imutáveis. O terceiro aspecto importante do materialismo mecânico é a hipótese de que a observação objetiva das experiências científicas é possível, e o processo de pesquisa científica é independente da mente do cientista.

Isto nos traz ao século 20, quando estas suposições básicas de objetivismo e mecanicismo foram solapadas pelas teorias de Einstein quanto à relatividade e pela mecânica quântica. Noções tradicionais de tempo e espaço foram radicalmente revistas, e o modelo simples das partículas fundamentais e das leis que regem seu comportamento foi se tornando cada vez mais complexo. Ao mesmo tempo, teorias iniciais de psicologia cognitiva sugeriam que a percepção era um processo ativo, e isto representava uma ameaça direta à validade dos métodos experimentais que presumiam ser a mente capaz de observar, com imparcialidade, as experiências. Na década de 20, com as teorias de Einstein e as questões relativas à natureza da percepção, pesquisadores começaram a ter sérias dúvidas sobre o materialismo mecânico. Porém, na tradição ocidental, a única alternativa à existência de um mundo objetivo é a subjetividade, a idéia de que tudo existe dentro do indivíduo e nós percebemos somente aquilo que inventamos, e foi esta noção que

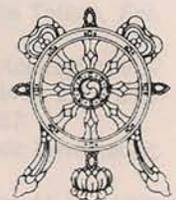


a ciência clássica se empenhou em superar. Assim, para descobrir como o mundo realmente funciona, a ciência ocidental deve preservar a pressuposição de um mundo objetivo, e por volta da década de 30 os fundamentos da ciência clássica já se haviam firmado novamente, naquilo que poderíamos chamar de filosofia convencional, chamada imperialismo lógico (risos), digo, empirismo lógico.

GREENLEAF: É um nome bem mais adequado.

HAYWARD: Vamos falar do empirismo lógico. Neste caso, os axiomas ou as hipóteses são coligidas de experiências realizadas e então combinadas para a criação de novas hipóteses, ou teorias, usando-se princípios básicos da lógica chamados regras de correspondência. As predições das teorias resultantes são então comprovadas através de experiências. Caso se comprove que estas teorias são corretas, as regras de correspondência são consideradas corretas, e isto serve para demonstrar a existência de um mundo externo, objetivo. As teorias são consideradas imagens desse mundo e isso é, em essência, o empirismo lógico.

Todavia, nos últimos vinte e cinco anos, os princípios do empirismo lógico foram am-



Basicamente as atitudes do budismo são muito semelhantes às das ciências.

plamente desafiados, e há atualmente um grande debate entre os filósofos da ciência. Não existe mais a impressão de que os fundamentos da ciência são claros e definitivos. Como diz um crítico: "A análise positivista do empirismo lógico quanto ao conhecimento científico foi rejeitada, ou é, no mínimo, altamente suspeita". Mas nenhuma das teorias alternativas teve ampla aceitação. Hoje, ainda estamos pesquisando.

DALAI LAMA: Qual o maior questionamento, ou qual o maior engano do empirismo lógico?

HAYWARD: Há um grande número de problemas ainda sem solução. Um deles diz respeito à definição e ao uso da terminologia. As definições de termos científicos, como elétrons por exemplo, frequentemente dependem de teorias que permanecem abertas a mudanças, resultando em experiências e conclusões baseadas em suposições questionáveis e até suspeitas.

Também existem problemas em relação à confirmação de teorias. Digamos que eu tenha uma teoria de que todos os cisnes são brancos. Eu examino um milhão de cisnes e todos são brancos. Resta porém a possibilidade de que o milionésimo primeiro seja verde. As observações jamais podem comprovar teorias; elas apenas demonstram as probabilidades. A ciência pode se aproximar cada vez mais da verdade, mas nunca poderá ter certeza. Isto é o máximo a que pode chegar o empirismo lógico.

As dúvidas levantadas pelos psicólogos cognitivos também permanecem sem solução com referência à natureza da percepção e se a observação objetiva é realmente possível. Um dos problemas relacionados diz respeito à interpretação das observações, que parece depender consideravelmente do treinamento e da crença do cientista.

DALAI LAMA: O senhor acha que surgem diferenças entre as opiniões de diferentes cientistas – por exemplo, entre cientistas de países diferentes?

HAYWARD: Sim, as opiniões dos cientistas são influenciadas em todos os níveis. A estrutura social de um grupo de cientistas, sobretudo, afeta a escolha das crenças que são consideradas aceitáveis. Um conhecido exemplo ocorreu na União Soviética, quando o biólogo russo Lychenko liderou a área científica. Por razões de ordem marxista, ele argumentou que a teoria evolucionista de Darwin não era correta, e assim os cientistas russos passaram anos tentando refutar a teoria de Darwin.

DALAI LAMA: Era esse ponto que eu queria levantar. Devido a fatores ambientais, estamos condicionados subconscientemente e, como resultado, podemos querer explicar ou descobrir algo, porém somos incapazes de realizar isso com sucesso ou completamente. Minha opinião é que, a esse respeito, as abordagens do budismo em geral e do budismo Mahayana em particular são abordagens realmente científicas. Em vista de alguns elementos dos ensinamentos de Buda serem incompatíveis com nosso atual conhecimento do mundo, a validação final terá que depender da autoridade do raciocínio e da lógica. Através da investigação e da análise chegamos ao fato, e mesmo que este fato aparentemente contradiga as próprias palavras do Buda, isso não importa. Sinto, portanto, que a atitude básica budista é muito semelhante à atitude dos cientistas.

Nós budistas dividimos os fenômenos em três categorias: na primeira estão aqueles que são óbvios e podem ser percebidos diretamente através das faculdades dos sentidos. Na segunda categoria estão tipos de fenômenos ocultos, cuja percepção requer um tipo de processo lógico. Eles podem ser percebidos apenas por inferência e por meio de processos lógicos. Os fenômenos da primeira categoria não exigem nenhum raciocínio, enquanto os da segunda necessariamente o exigem. Geshey-la gostaria de explicar o ponto de vista do budismo sobre a lógica e como se desenvolve a inferência.

JINPA: Isto diz respeito à segunda categoria de fenômenos. Inicialmente, o acesso poderá ser possível somente através do raciocínio, porém a inferência, através da qual perceberemos fenômenos desse tipo, depende de certa experiência direta. Entender algo que não é óbvio exige exemplos, e nossa percepção destes exemplos deve ser direta; para percebermos a impermanência desta caneta, precisamos de raciocínio e de um exemplo. A inferência, que é portanto conceitual, depende da experiência de perceber diretamente esta caneta. Sem esta ligação, é questionável se a inferência realmente tocou ou percebeu seu objeto.

Outro ponto que os Gesheys gostariam de levantar com referência a sua explicação do empirismo lógico diz respeito ao que o senhor disse sobre a afirmação de que todos os cisnes são brancos. O senhor disse que afirmações positivas podem ser falseadas mas nunca comprovadas. Entretanto, de acordo com a lógica budista, existem meios de provar declarações positivas. Exemplificando: do mesmo modo que se pode provar a declaração negativa "onde não há fogo não há

fumaça", pode-se provar positivamente que "onde quer que haja fogo há fumaça". Isto serve para provar não haver necessidade de se ver cada e todas as ocorrências de fogo.

VARELA: Isso parece razoável, mas aparentemente não tem como fugir do contra-argumento de que, mesmo tendo visto cem fogueiras e jamais uma sem fumaça, isto poderá ocorrer no dia seguinte. Os cientistas têm estado penosamente cientes disto.

DALAI LAMA: A visão budista considera que devemos discriminar entre coisas que existem e coisas que não existem. Portanto, como determinar se algo existe? Se algo é encontrado e estabelecido por meio de cognição válida, então existe. Agora temos que definir cognição válida. Cognição válida é consciência, o que significa um estado de atenção que percebe um objeto e não se engana a respeito desse objeto. Isso pode acontecer quando o objeto desempenha uma função enquanto a consciência o percebe ou conhece. Ao discriminarmos desse modo existência e não-existência, escapamos do perigo de presumirmos algo que é meramente evocado através de um conceito.

HAYWARD: Vossa Santidade, essa explicação parece muito próxima da do empirista lógico, na medida em que pressupõe que nossa observação é confiável.

DALAI LAMA: Sim, mas neste caso, aquele que percebe também deve considerar a questão da ilusão. Pode-se confiar na experiência básica? Os textos budistas falam das causas temporárias e das causas mais essenciais da ilusão. Por exemplo, lentes coloridas ou doenças que afetam a visão são temporárias. Elas afetam a consciência utilizando aquele órgão do sentido. Há também uma forma de ilusão que afeta a consciência imediatamente anterior, e ilusões de níveis mais profundos resultam do tipo de condicionamento social e cultural que discutimos anteriormente.

WALLACE: Na cosmologia budista, as causas temporárias assim como as causas mais essenciais da ilusão são reconhecidas, porém existe também a afirmação de que há percepções que são livres, sejam elas casuais ou essenciais.

HAYWARD: A pergunta então é: quem é o juiz de uma cognição válida?

DALAI LAMA: Há uma disparidade entre a aparência das coisas e a maneira como existem. Uma vez que a realidade de fato se nos

apresenta diferente da realidade convencional, não poderá ser conhecida diretamente. O que nos resta, em última instância, é a abordagem lógica. Temos assim, estas diferentes categorias de fenômenos. Quando falamos em desfazer as falhas da percepção, queremos dizer desfazer as falhas da mente, da própria consciência que percebe erroneamente a realidade.

Um exemplo desse processo, tratado amplamente na epistemologia budista, diz respeito à progressão ou ao continuum de uma cognição que focaliza um fenômeno oculto. O continuum poderá começar simplesmente com uma falsa idéia, um conceito errado, já que o fenômeno foi interpretado erroneamente. A partir deste ponto, é possível deslocar-se para a dúvida não-realista. Por exemplo, isto pode ser um elétron, mas provavelmente não é. Aqui você oscila, afastando-se da realidade, não em direção a ela. Depois continua a investigar, sem oscilar entre uma direção ou outra. Poderá, em seguida, oscilar em direção à realidade – uma dúvida realista. Através da pesquisa poderá chegar afinal a uma convicção, sem ter nenhuma evidência confirmatória ou comprobatória. Sua convicção é realista, mas não é uma cognição válida porque você não tem uma evidência conclusiva. Continua investigando e então encontra a evidência. Agora, você chegou a uma inferência que é melhor que uma convicção, embora possa parecer a mesma coisa. À medida que você continua pesquisando encontra mais evidências, você finalmente chega a uma percepção, com o que queremos dizer um conhecimento válido, não-conceitual. Este é um processo gra-



BUDA
SAKYAMUNI,
O ILUMINADO

dual e utiliza vários instrumentos lógicos, tais como conseqüência, pensamento conseqüente e assim por diante.

No budismo Mahayana existem duas abordagens básicas de pesquisa filosófica. Uma delas conclui que lá fora não existe um mundo objetivo. A outra afirma que existe sim, um mundo objetivo, mas não no sentido cartesiano de uma existência independente da consciência. Esta última é a visão Prasangika Madhyamika.

Os Prasangikas reconhecem que, sob análise, fenômenos objetivos não poderão ser encontrados; contudo, não concluem que inexistam um mundo objetivo. Dizem que a força de uma designação verbal ou conceitual é suficiente para a existência de um fenômeno objetivo, porém essa existência é apenas convencional. Portanto, a verificação da cognição resume-se basicamente à própria experiência pessoal. No meu entender, este é o fator essencial.

A estrutura da lógica budista e o processo de validação são muito bem fundamentados, porém os exemplos usados pelos autores das escrituras visando demonstrar a lógica budista são de sua própria época. Embora muita coisa tenha mudado, ainda usamos os mesmos exemplos e, às vezes, isto se torna inadequado. Desejo modificar isso e adaptá-lo a uma forma moderna de pensar. Precisamos de alguns suplementos vindos do conhecimento ocidental, para colocá-los dentro do contexto da lógica budista.

HAYWARD: Na visão Prasangika, se analisarmos não encontraremos a existência inerente dos fenômenos. Então dizemos que existe um mundo objetivo devido a uma imputação conceitual. Pergunto: de onde vem esta imputação conceitual?

DALAI LAMA: Quando dizemos que os fenômenos são designados conceitualmente,

isto não significa que qualquer coisa conceitualizada seja verdadeira. Se assim fosse, se qualquer coisa conceitualizada fosse verdadeira, não haveria distinção entre cognição válida e não-válida. Aí está a dificuldade. Quando falamos de fenômenos designados conceitualmente, quais os critérios para estabelecer sua existência? Há três critérios. Primeiro, os fenômenos cuja existência se imputa precisam estar de acordo com a experiência convencional. Em segundo lugar, a afirmação da existência do fenômeno não pode ser contestada por cognição válida convencional. O terceiro ponto é que a afirmação não deve ser contestada por uma análise final ou investigação. E também, nenhum fenômeno que possa desempenhar uma função pode simplesmente ser descartado como se não existisse. Agora, porém, temos um dilema. Não se pode dizer que tal fenômeno não exista, mas, ao mesmo tempo, não se pode localizá-lo por meio da investigação. O fenômeno existe, portanto, por força de uma designação conceitual. Há uma grande diferença entre algo que existe e algo que existe por sua própria natureza. Por exemplo: esta caneta tem uma natureza com características que a definem; no entanto, se você diz que ela existe por sua própria natureza, está sugerindo que existe independente das circunstâncias que contribuem para isso.

Duas categorias de concepções errôneas correspondem a cada categoria de fenômenos: uma relativa à natureza do sujeito e outra relativa à natureza do fenômeno. A maneira de superar estas concepções errôneas é perceber a natureza última do fenômeno, a ausência de "eu" das pessoas e a ausência de existência inerente do fenômeno externo.

VARELA: Eu queria lhe perguntar qual é o papel da meditação no processo de desenvolvimento de um conhecimento perceptual válido.

DALAI LAMA: A meditação entra, de fato, em todo o processo. Uma vez que a inferência tenha sido desenvolvida através de um processo lógico, a meditação é necessária para que tal inferência se torne uma experiência direta.

VARELA: Isso é meditação?

JINPA: É aí que ela entra.

VARELA: Então não é uma inferência puramente lógica?

JINPA: Não.

CHENREZI,
O BUDA DA
COMPAIXÃO



HAYWARD: Na ciência ocidental, a validação começa sempre com uma observação e termina com uma observação. Os cientistas chamariam isso de percepção direta; assim, de certa forma, nós validamos nossas inferências através da percepção direta. Isso é muito semelhante à maneira como Sua Santidade descreveu a abordagem budista, afirmando que deve terminar com o que vocês chamam de percepção direta, que é também uma cognição válida.

DALAI LAMA: Há uma diferença importante: quando na ciência ocidental se fala de experiência direta, ela parece estar invariavelmente relacionada à experiência sensorial. No budismo, a experiência sensorial é, na verdade, bastante periférica. Quando ocorre a progressão da falsa cognição à percepção direta, a idéia não é terminar com uma percepção sensorial, mas terminar com uma percepção mental ou, melhor ainda, uma percepção contemplativa, que é uma percepção iogue direta. Na verdade, trata-se de uma ordem de percepção diferente da percepção sensorial comum. Essa é uma grande diferença.

HAYWARD: É sim. Minha outra pergunta é: o que é uma experiência direta e como é validada?

DALAI LAMA: (rindo) É bastante complicado! Este tipo de experiência direta geralmente se refere à experiência de um sentimento, como felicidade ou ansiedade, geralmente consideradas percepções mentais. Há dois tipos de percepções mentais diretas que não existem enquanto não forem alcançadas através da meditação. Visto que uma percepção mental deste tipo é uma nova percepção, certos agentes deverão validá-la. O agente da validação deve ser uma percepção iogue direta.

Os budistas afirmam que é impossível superar a dúvida até que a natureza definitiva do fenômeno seja percebida diretamente. Existe, portanto, um claro paralelo entre o budismo e a ciência ocidental, até – mas não incluindo – o caminho da visão. Até esse ponto, não existe, no budismo, a verificação plena de uma experiência; porém, ao chegar ao caminho da visão, existe a percepção direta da verdade definitiva. A natureza dessa compreensão direta é uma percepção iogue direta ou uma compreensão iogue. Isto, então, fornece o critério para a verificação de outras experiências. E é uma demarcação importante. Até que a maioria da população tenha atingido o caminho da visão, toda esta dúvida persistirá.

VARELA: Como saber quando se atingiu o caminho?

DALAI LAMA: A literatura budista descreve tanto os sinais internos quanto externos por meio dos quais se pode verificar se aquele nível foi atingido. Entre eles, os sinais internos são mais confiáveis, e é neste contexto que nos deparamos com a terceira categoria de fenômenos. Este tipo é o mais oculto, pois não pode ser verificado através da lógica ou do raciocínio. Para sua verificação, temos que depender de certas autoridades como fontes confiáveis. De forma semelhante, eu sei que a terra é redonda, apesar de nunca tê-la visto assim. Sei disso por confiar na palavra dos outros e em fotografias. Primeiro, porém, devo decidir que minhas fontes são confiáveis, isto é, que as fotos não foram forjadas. A isso se chama inferência baseada na crença. A diferença é que, na ciência, vocês aceitam outras autoridades somente com base em sua própria investigação. Mas no budismo, esta inferência baseada na crença é uma crença informada, não uma crença cega. Não importa como você tente analisar, ver e sentir, a experiência da percepção iogue é impossível de se verificar antes de ter passado por ela.

ROSCH: Na psicologia ocidental, a questão do status existencial do eu jamais foi abordada seriamente. Sem uma teoria explícita do eu como a do atmã por exemplo, não há nenhuma base real para se debater a existência versus a não-existência. Não há nem mesmo muito interesse na questão. Para se atribuir importância à questão, é preciso antes identificar as origens do "auto-apego" e demonstrar como tratamos, ao nível emocional, o eu, como se fosse um todo coerente.

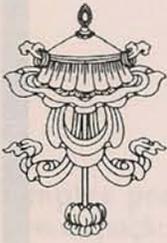
DALAI LAMA: A importância de identificar esse eu, bem como a concepção de um eu inato, foi mencionada em muitos textos tibetanos. Por exemplo, na *Grande Exposição de Princípios*, de Jam-yang-shay-ba. Segundo ele, é preciso antes de tudo identificar o eu, a noção inata do eu que cada um tem. Isto só se pode conseguir ao nível emocional da experiência individual. Este senso inato do eu é extremamente importante.

ROSCH: Uma cultura que tenha tanto a consciência quanto uma designação para identificar tal conceito pareceria mais aberta ou propensa a debater sua existência do que aquela sem uma noção semelhante, e muito menos um nome.

HAYWARD: Na verdade, essa foi uma das

Há diferença
entre
o que existe
e o que existe
por sua
própria
natureza.





Existem diferentes tipos de noções equivocadas do eu.

razões para os behavioristas, na virada do século, quererem evitar discutir o eu, já que o conceito do eu estava estreitamente relacionado ao de alma, o que se parecia com os conceitos de mente e consciência. Por causa dessa associação havia entre os cientistas uma necessidade enorme de separar a psicologia, do conceito do eu.

DALAILAMA: Será que os experimentos no campo da psicologia cognitiva exploram os níveis emocionais mais primários tais como os do ódio, desejo, etc? Se aceitarmos que emoções como o desejo e outras podem surgir, não há explicação para esse surgimento, isolado da noção do eu.

LIVINGSTON: O eu é a fonte do desejo e da satisfação, não é assim?

DALAI LAMA: Sim, está certo.

ROSCH: Bem, está correto. Permitam-me tirar o chapéu de psicóloga cognitiva e dizer que sim (risos). Mas, pondo o chapéu, eu diria que não (risos). Tudo de que precisamos para ter essas emoções é cognição.

JINPA: A questão que estávamos discutindo em tibetano era a diferença entre a noção do eu inato e a concepção de um eu que existe inerentemente.

WALLACE: Qual é a diferença entre ambos?

JINPA: De um lado, há um eu inato, o que é indiscutível. De outro lado, há a noção equivocada do eu, que concebe um eu com existência inerente, e estes dois deveriam ser diferenciados.

DALAI LAMA: Há diferentes tipos de noções equivocadas do eu. Uma, por exemplo, é o conceito dos agregados como separados do eu. Outra noção identifica o eu dentro dos agregados, como se existisse entre eles, e não separado deles. Há ainda dois tipos de noções que concebem o eu como um supervisor: um considera o eu como um supervisor dos agregados totalmente independente, enquanto o outro identifica o eu como um supervisor entre os agregados, conferindo-lhe uma importância ligeiramente maior. O primeiro é um conceito adquirido, jamais inato. A percepção do eu enquanto supervisor entre os agregados é, entretanto, inata. Há um conceito ainda mais sutil: o de uma concepção de existência inerente. Há portanto três níveis.

VARELA: Nenhuma doutrina científica do

Ocidente aborda diretamente a questão do eu, mas a existência do eu parece uma presunção do senso comum, demonstrada na noção de continuidade que surge através da memória. Entretanto, esta explicação da aparente continuidade da memória não é satisfatória e está em conflito com a doutrina budista da não-existência do eu. Como é explicada essa continuidade?

DALAI LAMA: Quando os budistas se referem à doutrina da não-existência do eu, eles não estão se referindo ao que é chamado de "mero eu", porque o mero eu existe mesmo. Assim como sabemos que o nosso corpo era fisicamente diferente quando éramos jovens, também podemos referir-nos ao mero eu da infância.

VARELA: Como se consegue isso?

DALAILAMA: Porque eu é uma designação atribuída com base na continuidade dos agregados.

VARELA: Muito bem. Parece que esta é a minha questão. O que é a continuidade dos agregados?

DALAI LAMA: Da mesma forma que o corpo físico do adulto é a continuação do da criança, há um eu que preserva a continuidade. Acho que o esclarecimento da expressão budista "mero eu" pode ser útil. Quando falamos de mero eu no contexto da filosofia budista, o rótulo "mero" não refuta a existência da base do eu, mas antes a existência inerente do eu.

VARELA: Muito bem, mas o que quero saber é: qual é a base para a continuidade? Como é explicado o mero eu se ele não é substancial, mas tem continuidade? Vou recolocar a questão: eu sou Francisco. Dois segundos mais tarde, sou Thubten. Isso não acontece. Qual é a explicação budista? No Ocidente, tenderíamos a dizer que isto ocorre porque a memória acumula e que um sentido de continuidade deriva da reminiscência dessa memória, como uma seqüência causal armazenada em algum lugar do cérebro. Qual seria a explicação equivalente na filosofia budista?

DALAI LAMA: Uma resposta é que você tem essa memória, mas isso não significa que sua memória seja o eu. Neste ponto, é importante entender como os pensamentos conceituais funcionam com respeito aos objetos. Um objeto é identificado por um processo de isolar o objeto daquilo que ele não é, de

maneira que a cognição do objeto é, na verdade, um ato de exclusão: a mente conceitual faz a cognição dos aspectos de um objeto de maneira muito seletiva. Por isso, quando os budistas falam do mero eu, trata-se de uma entidade, mas que pode ser dividida em muitos aspectos diferentes. Em meu caso particular, por exemplo, há um eu que é tibetano, outro que é *bhikshu* etc. Portanto, há vários diferentes eus. Assim quando você procura pelo eu, ele é, na verdade, uma entidade, mas que tem muitos aspectos diferentes.

VARELA: Há outro eu que reconhece todos esses eus reunidos? Como o senhor estava dizendo, sou um monge, sou um homem etc, etc. Quem está dizendo isso?

JINPA: Este é o eu!

VARELA: Então, ele existe nesse sentido?

WALLACE: Exatamente. Uma coisa que pode não estar clara aqui é que, de acordo com o budismo, o mero eu é capaz de desempenhar funções, mesmo sendo designado de maneira puramente conceitual. No Ocidente, quando se diz que algo é designado de maneira puramente conceitual, este algo não tem importância.

HAYWARD: Então, o mero eu parece quase indistinto do eu inerente, já que existe um mero eu e o designamos de eu. Agora, tudo que precisamos acrescentar é renascimento, e temos a alma! (Risos).

DALAI LAMA: Pode ser útil familiarizar-se com o conceito de generalidade aqui. Vemos um vaso em algum lugar e o rotulamos, sabendo então que é um vaso. Vamos para outro lugar e vemos outro vaso. Como sabemos que é também um vaso? Ele não é o mesmo. Sabemos porque pertence à mesma categoria. Há muitas categorias assim, de fenômenos que são constructos da mente, sejam eles abstratos ou meramente designados. As generalidades recaem dentro da mesma categoria; algo é identificado e rotulado, mas, sob um exame mais rigoroso, não pode ser encontrado. O mesmo acontece com a noção inata do eu. Ele é designado, não com base em um caso particular, mas com base nas continuidades.

VARELA: Então "eu" é uma generalização?

DALAI LAMA: É uma generalização baseada na continuidade da mente. A palavra alma entretanto, levanta outra questão bem

diferente. Comumente, a alma é definida como uma entidade permanente, e associada a algum tipo de eu que é permanente e indivisível, mas na verdade esse conceito não tem relação com o budismo. O mero eu é uma continuação, mas ao mesmo tempo está sempre em mutação. Se dois eus fossem exatamente iguais, então a criança de 10 anos seria uma pessoa idosa e a pessoa idosa seria uma criança de 10 anos. Isso não faz sentido.

HAYWARD: Então, os dois não são o mesmo eu?

DALAI LAMA: Eles são partes de um mesmo continuum, mas essa entidade muda de momento para momento.

VARELA: Então é a mesma coisa, no sentido de um cientista dizer que este corpo é o mesmo, embora todas as moléculas tenham mudado.

DALAI LAMA: Sim, correto.

LIVINGSTON: Vossa Santidade, eu gostaria de fazer-lhe duas perguntas. Suponhamos que uma pessoa tenha um ataque cardíaco muito sério e seja informada de que poderá sofrer um transplante. Após o transplante cardíaco, a pessoa será a mesma de antes?

DALAI LAMA: Sim, um aspecto interessante a ser levado em consideração é a teoria existente no budismo da gota indestrutível. Diz-se que a gota indestrutível está localizada no coração, mas isto não deve ser confundido com o coração orgânico ao qual nos referimos em termos médicos. Aqui, coração significa um ponto central e deve ser considerado nesses termos. Assim, nada de significado realmente profundo ocorre com o indivíduo ao ser removido tal órgão e substituído por outro, uma vez que a gota indestrutível não é transferida. Tal substituição não pode ser realizada por cirurgia, mas há um tipo de prática na qual ocorre uma mudança total no corpo.

WALLACE: Digamos que dispomos de um cadáver recente, ainda não decomposto. Seria possível, através de certas práticas do tantrismo budista, transferir consciência para o cadáver, e como isso se daria?

DALAI LAMA: Nesse caso, ocorre uma mudança total do corpo físico, mas considera-se que a sobrevivência da pessoa seja a mesma. A consciência é transferida para outro corpo, mas a vida e a pessoa são as mesmas.

A gota indestrutível está no coração, isto é, num ponto central.



LIVINGSTON: Suponhamos que alguém tenha problemas cerebrais e faça um transplante de cérebro. Se isso fosse possível, na prática essa pessoa seria substituída pelo indivíduo que doou o cérebro, como se o cérebro tivesse um novo corpo. Ou será que Sua Santidade está dizendo o contrário?

JINPA: Exatamente o contrário.

VARELA: Vossa Santidade, antes o senhor disse que a continuidade do eu é baseada nas lembranças armazenadas no cérebro. Se trocarmos de cérebro, e não há nenhuma lembrança do eu anterior, como a pessoa pode ser a mesma?

DALAI LAMA: Pela técnica tântrica, o meditador pode transferir sua consciência para um cadáver. Como o meditador, de fato, não experienciou o estado de luz intensa da morte, quer dizer, não passou pelo processo da morte, ele é capaz de reter o conhecimento acumulado durante sua vida. Memória não é cérebro. De qualquer maneira, é apenas uma hipótese na perspectiva budista.

LIVINGSTON: Sim, minha também.

DALAI LAMA: Portanto, é preciso que se façam experiências com isso. (Risos). Mas nós, budistas, diríamos que se o cérebro da pessoa B é transplantado para a pessoa A, então, o cérebro passa a pertencer à pessoa A.

LIVINGSTON: O que acontece com a pessoa B, a que doa o cérebro? O que acontece com a memória de suas experiências, onde está o eu que teve tais experiências e lembranças?

DALAI LAMA: A visão budista é que o conhecimento é armazenado na forma de uma espécie de gravação ou impressão que resulta em ação quando ativada e que essa impressão atua por meio do cérebro. Portanto podemos dizer que a atividade mental da consciência é usada através do cérebro, mas a própria consciência não é simplesmente uma função do cérebro.

HAYWARD: Então, sobre o que a impressão fica gravada?

DALAI LAMA: A melhor explicação é dada pelo ponto de vista da Suprema Tantra Ioga. Nela, a consciência é dividida em três níveis: grosseiro, sutil e muito sutil. Quanto mais grosseiro for o nível da mente, mais dependente ela é do corpo. A consciência muito sutil é independente do corpo e é chamada clara luz, ou mente de clara luz. Todos os

níveis grosseiros da mente surgem pela interação entre neurônios e órgãos dos sentidos e sua origem é a consciência muito sutil.

No budismo, os níveis grosseiros da consciência são propriedades emergentes da mente de clara luz, enquanto para vocês, na ciência ocidental, eles normalmente emergem do cérebro. Mas, exatamente como esses níveis mais grosseiros surgiram inicialmente, finalmente voltarão a se dissolver na consciência muito sutil, que é a fonte de todos os níveis mais grosseiros da mente. Por isso, podemos dizer que a consciência muito sutil é o depósito no qual as impressões do conhecimento são armazenadas.

LIVINGSTON: Desta maneira a mente de clara luz permanece no corpo da pessoa A mesmo depois de ter recebido o cérebro da pessoa B.

WALLACE: Correto. Enquanto no outro exemplo que Sua Santidade deu, no qual a consciência da pessoa B é transferida para o cadáver da pessoa A, o que na verdade é transferido é a mente de clara luz, e é por isso que se admite a pessoa B ter entrado em um novo corpo.

DALAI LAMA: Também é importante saber que o termo *osel*, clara luz, tem sido usado em muitos contextos diferentes. Nos sutras refere-se ao vazio, que é a natureza última da mente. O mesmo termo também se refere à natureza da luminosidade e do conhecimento de todas as mentes e, nos textos tântricos, ele se refere à consciência muito sutil.

Portanto, como diferenciamos os três níveis da mente? Os níveis grosseiros da mente correspondem simplesmente às nossas percepções sensoriais. O nível sutil da mente é mais difícil de ser explicado. Nos textos, ele se refere à cognição das oitenta concepções indicativas. Essa cognição indica o processo de dissolução e inclui também emoções negativas, como desejo, ódio e assim por diante.

HAYWARD: O que indicam as oitenta concepções indicativas?

DALAI LAMA: Elas indicam o processo de dissolução, o processo da morte. Trinta e três indicam a natureza da aparência branca e quarenta indicam a natureza da intensificação vermelha. Sete indicam o que é chamado o negro próximo da realização, que é o terceiro estágio.

HAYWARD: O senhor os está descrevendo em termos do processo da morte, mas eles não estão sempre presentes?

JINPA: Sim, correto. As oitenta concepções indicam a natureza de diferentes estágios, evoluindo dos mais grosseiros aos mais sutis, para os quais as concepções requerem diferentes quantidades de energia. Assim, durante o processo da morte, a quantidade de energia necessária para cada concepção varia de acordo com o nível de sutileza da consciência.

DALAI LAMA: Concepções que envolvem emoções muito poderosas, tais como o desejo intenso ou a forte aversão, estão associadas aos dois primeiros estágios do branco e do vermelho. As emoções neutras são associadas com o terceiro estágio, o negro próximo da realização. O quarto e último estágio da dissolução é o da clara luz. Estes quatro estágios são também conhecidos como vazio, muito vazio, vastamente vazio e totalmente vazio, correspondendo à ausência de níveis mais grosseiros experienciados no estágio anterior. As concepções que correspondem a cada estágio sucessivo dissolvem-se antes de ser atingido o estágio seguinte; é por isso que são sutis e indicativos das coisas por vir.

No ponto em que a consciência ultrapassa o primeiro estágio, os vínculos cármicos entre o corpo físico e os níveis grosseiros da mente foram cortados. O corpo físico não é mais capaz de funcionar como base para os níveis grosseiros da mente de modo que, em termos clínicos, a pessoa está morta.

Mas, embora o vínculo cármico entre corpo e mente tenha sido cortado, o eu da pessoa ainda está situado no corpo, já que a consciência muito sutil continua presente. Em consequência, o corpo não se decompõe enquanto o eu estiver na clara luz. Algumas pessoas podem permanecer naquele estado por uma semana ou até mais. O falecido Kyabjey Ling Rinpochey, meu tutor, por exemplo, permaneceu no estado de clara luz por treze dias e seu corpo permaneceu sem se decompor.

VARELA: O vínculo foi cortado, mas o eu ainda está aí?

DALAI LAMA: Sim. E então a consciência muito sutil, que é o eu, encaminha-se para a próxima vida.

VARELA: Onde está a memória daquela consciência?

DALAI LAMA: As recordações com base nos níveis mais grosseiros da mente, e portanto do corpo, desapareceram. A memória mais sutil, relacionada com a consciência



MANJUSRI,
O BUDA DA
SABEDORIA

mais sutil, é levada adiante. Certos meditadores são capazes de fazer descer os níveis mais grosseiros da mente para um nível mais sutil, mais profundo, no qual sua percepção é aumentada e eles começam a ver os eventos de suas vidas passadas. Se alguém é capaz de levar a mente a tal nível sutil, também será capaz de ligar esta vida, tanto com o passado quanto com o futuro.

Do ponto de vista tântrico há uma explicação: segundo Buda, todo ser vivo pode ter naturalmente a experiência da clara luz na hora da morte, mas essa experiência pode ser alcançada também através de práticas meditativas. Um aspecto a lembrar é que a experiência da clara luz ocorre no coração, não na cabeça.

Durante a sessão da manhã o dr. Newcom Greenleaf introduziu o conceito de inteligência artificial e resumiu pesquisas e estratégias recentes para criar máquinas inteligentes.

Na sessão da tarde:

VARELA: Vossa Santidade, em relação ao que foi explicado esta manhã, parece relativamente convincente que os computadores sejam capazes de realizar uma série de atos cognitivos, como aprender a ler. Qual seria, em sua opinião, o status dessas máquinas, com sua pequena capacidade cognitiva? Há alguma espécie de mente nelas? Como o senhor as compararia com a mente humana ou animal?

DALAILAMA: Não podemos dizer que elas possuem consciência ou cognição, acho eu. Como na discussão de ontem, se não há nenhuma referência a qualquer consciência sutil ou extremamente sutil, também está

Sem aceitar a reencarnação muitos fenômenos não têm explicação.

fora de questão a emergência de uma consciência grosseira. Eu me perguntava, porém, se certas substâncias físicas poderiam ter alguma espécie de percepção cognitiva, em consequência de algum tipo de interação entre elas. Não a verdadeira cognição, mas algum fac-símile. Ainda não cheguei realmente a uma conclusão.

HAYWARD: Poderíamos dizer que cada caso de cognição envolve um fluxo de cognição que retrocede até tempos imemoriais?

DALAI LAMA: Não é possível que uma nova cognição surja sem um continuum.

HAYWARD: Qual é a refutação ao surgimento de um fluxo de consciência?

DALAI LAMA: Seria que a consciência não surge de uma causa discordante ou inadequada.

HAYWARD: Os cientistas preferem o conceito de que a consciência surge de uma causa material.

DALAI LAMA: Os budistas não podem aceitar isso. A matéria pode apenas ser uma causa cooperativa, mas não a causa principal ou essencial. Isto está muito relacionado com os conceitos budistas de cosmologia e evolução. Elas falam de um universo infinito, no qual qualquer sistema de mundo passa pelo ciclo da destruição e geração. Formas mais grosseiras ou mais sutis da matéria existem em cada sistema de mundo em cada fase, mas na realidade não há princípio nem fim. E assim entes sencientes são o componente fundamental do processo.

HAYWARD: Há sempre consciência muito sutil?

DALAI LAMA: Sim. O que é um ente senciente? Um ente senciente é uma entidade designada com base no corpo e na mente, e aqui a base fundamental da mente é a mente muito sutil, que é contínua através de todos os ciclos.

VARELA: Como os níveis mais sutis e mais grosseiros se comunicam?

DALAI LAMA: É preciso entender que a mente muito sutil não está isolada do corpo, pois há um corpo muito sutil conjugado com ela. Temos um corpo muito sutil de estado intermediário. Este corpo muito sutil também passa por um processo de morte. No momento em que a mente muito sutil entra

neste corpo, o agregado físico do ser de estado intermediário cessa. A morte daquele ser é simultânea à concepção do ser humano. Também há naquele momento uma experiência de clara luz, chamada clara luz do processo inverso. Então, prossegue-se para níveis mais e mais grosseiros.

HAYWARD: Isso, então, é nascimento?

JINPA: Sim.

HAYWARD: Há portanto três níveis do corpo também?

JINPA: Há dois, grosseiro e muito sutil. Baseada no corpo e na mente muito sutis, há uma pessoa sutil, e baseada nos níveis grosseiros do corpo e da mente há uma pessoa grosseira. Aí surge a questão: haverá duas pessoas distintas, uma grosseira e outra sutil? A resposta é não, porque quando estão em ação os níveis grosseiros da mente é do corpo, os níveis sutis permanecem em estado latente. Outra interpretação é que a mente e o corpo muito sutis são sempre contínuos. De maneira que estão sempre presentes, quer a pessoa esteja tendo uma experiência ativa dos níveis mais grosseiros da mente ou não.

DALAI LAMA: Assim, para nós estes fenômenos poderiam pertencer à terceira categoria de fenômenos, que permanece bastante oculta. Se não se aceita a reencarnação, muitos fenômenos deste mundo não podem ser explicados logicamente, a não ser como eventos heterogêneos acidentais. Se as coisas simplesmente surgem sem qualquer causa específica, não há razão para que qualquer coisa não possa surgir de qualquer coisa.

HAYWARD: Então a mente muito sutil, a clara luz, está sempre presente e dela surge a consciência grosseira no nascimento?

DALAI LAMA: Correto.

VARELA: De maneira que, examinando-se mais de perto, há muitas, muitas subdivisões. O continuum progride do mais grosseiro ao menos grosseiro e ao um pouco menos grosseiro, e assim por diante.

DALAI LAMA: Sim.

VARELA: E todos esses níveis de consciência estão contidos na consciência de clara luz, como se fossem sementes?

DALAI LAMA: Sim, na forma de sementes ou impressões. Os textos Sakya referem-se a



esta mente muito sutil como à mente de clara luz e falam dela como contendo todas as qualidades búdicas em forma potencial, bem como todas as realizações, tanto do caminho quanto dos níveis comuns de existência cíclica na forma de qualidades ou características.

Esta explicação aplica-se aos indivíduos, mas também é aplicável ao ambiente que todos percebemos em comum. Há dois tipos de carma, individual e coletivo. Quando o carma chega a realizar-se não apenas no seu próprio ser mas também no meio que você experimenta, ele é o carma coletivo.

Acho importante saber que há quatro diferentes abordagens budistas de raciocínio para a análise dos fenômenos. Elas correspondem aos quatro tipos de conhecimento: dos fatos naturais, funcionais, relacionais e lógicos.

A primeira categoria, a dos fatos naturais, inclui coisas que não podemos explicar. Por exemplo, um elétron tem uma certa carga. Não se consegue explicar por que ele tem esta determinada carga, ele simplesmente a tem. Da mesma forma, a natureza da consciência é a de clareza e conhecimento. Não há nenhuma razão que explique isso, apenas ela é assim. Este tipo de fenômeno não pode ser alterado pelo carma ou qualquer outro meio, e essa qualidade imutável deve simplesmente ser aceita, quando se analisam tais fenômenos ou se lida com eles.

O segundo tipo de fato é funcional, referente a fenômenos individuais e às funções que desempenham, como o fogo e a combustão. A cognição de um objeto é função da mente, por exemplo, mas não envolve nenhum aspecto teleológico.

A terceira categoria é a dos fatos relacionais. Estes são similares aos demonstrados em experiências de química, nas quais as moléculas individuais de diferentes propriedades físicas não possuem, independentemente, o mesmo potencial que possuem quando em interação.

VARELA: Propriedades emergentes.

WALLACE: Sim. As combinações de elementos básicos. O sal, por exemplo, tem propriedades que nem o sódio nem o cloreto têm.

DALAI LAMA: A quarta categoria é a dos fatos lógicos, aqueles demonstrados por um processo lógico. Bem, isto responde à sua pergunta do primeiro dia: se qualquer objeto do pensamento é considerado como existente, uma vez que todas as coisas são meras designações ou imputações.

Quero ainda explicar a estrutura básica da abordagem budista. A razão pela qual o budismo aceita a realidade dos fenômenos é que estes devem ser devidamente tratados para aliviar o sofrimento. A questão do início surge quando chegamos à segunda nobre verdade da origem. Para postular uma causa inicial teríamos que aceitar a teoria de um criador. Do contrário, temos que dizer que o sofrimento apenas surgiu, sem qualquer causa particular. Ou seja, não tem princípio. Acho também que seria interessante e importante indicar quais os campos paralelos existentes entre o budismo e a ciência. Com respeito à questão de espaço e tempo, o Tantra Kalachakra fala da partícula espaço, que é como um elo de ligação entre a destruição de um universo e a evolução de outro. É algo semelhante à fonte fundamental de toda matéria. De que maneira esta partícula espacial dá origem à criação do próximo universo? Devido à força do carma dos seres sencientes, que age como uma causa cooperativa. Portanto, o próximo universo a surgir tem uma causa substancial, que é esta partícula espacial, mas também requer uma causa cooperativa, que consiste do carma dos seres sencientes. Este carma consiste das ações dos seres sencientes que renascerão no futuro neste universo particular.

VARELA: É quase como uma qualidade entrópica.

WALLACE: Realmente, está próxima do entrópico. Temos o carma previamente acumulado dos seres sencientes amadurecendo no universo que está sendo criado, estimulado pela causa cooperativa do carma dos seres sencientes que nascerão e, então, da partícula espacial surge um movimento de pura energia. Desse movimento surge o calor, ou o fogo, do qual surge o elemento água, e disso surgem os elementos sólidos do universo.

DALAI LAMA: ...Bem, sobre o tópico dos canais sutis, alentos vitais e gotas acho que pode haver aqui uma relação especial com a neurociência. Não estamos supondo que os centros sutis existam conforme descritos nos livros. Se formos procurá-los não vamos encontrá-los usando métodos de pesquisa rotineiros. Não obstante, falamos deles supondo-os localizados em centros no alto da cabeça, na testa, na garganta, no coração, no umbigo e na região genital. Dirigindo a mente e a atenção para esses pontos, descobriremos um tipo especial de resposta sugerindo que na realidade há algo ali, não é pura ficção. Como certamente há alguma realida-

**Nos textos
Sakya
a mente
muito sutil
é a mente
de clara luz.**

GURU
PADMASAMBHAVA



de aqui, descoberta empiricamente através da meditação, acho que esta poderia ser uma área de diálogo muito interessante com a neurociência.

LIVINGSTON: Ótimo!

DALAI LAMA: Pois bem, se discutirmos as diferentes gotas, a gota relacionada com o evento de um sonho está localizada na garganta. A gota associada ao sono profundo está no coração e a gota no umbigo está associada com a bem-aventurança ou êxtase. Acho muito possível que a relação destas gotas descrita acima seja do interesse da neurociência.

VARELA: Vossa Santidade tem alguma idéia ou sugestão de como nós, cientistas ocidentais, pelo menos no campo da neurofisiologia, poderíamos abordar algumas dessas questões? Poderiam ser feitos experimentos? Que tipo de coisas o senhor investigaria?

DALAI LAMA: Uma abordagem seria examinar a atividade do cérebro durante o estado de sonho. Algumas pessoas têm sonhos muito lúcidos e têm mesmo experiências fora do corpo enquanto sonham. Acho que seria muito interessante pesquisar sobre isso.

VARELA: Recentemente experiências estão sendo feitas nesse sentido. A premissa é que a pessoa esteja realmente desperta como um observador durante o sonho lúcido. Ela dá sinal de que está sonhando e o pesquisador registra seus movimentos com eletrodos, a

partir do momento em que sabe que o sonhador está observando o sonho. Mas não há meios de distinguir esses registros dos realizados durante um sonho normal.

GREENLEAF: Qual é o grau de precisão dos registros?

VARELA: Rudimentar, extremamente rudimentar.

ROSCH: Em outros experimentos, o sonhador foi orientado no sentido de ter relação sexual no sonho e as reações fisiológicas são registradas. Apesar do sonhador relatar que a experiência no sonho se assemelha com a relação sexual quando desperto e até pode ejacular durante o sonho, as reações fisiológicas nos estados de vigília e em sonho são muito diferentes.

DALAI LAMA: Seria interessante pesquisar isto nos termos da emergência da clara luz. Há quatro ocasiões comuns em que aparece uma forma muito rudimentar de clara luz: nos momentos de bocejar, de espirrar, de adormecer e do orgasmo. A clara luz certamente aparece como resultado da meditação, mas estou me referindo aqui à vida comum.

Durante a vida comum, a experiência da clara luz rudimentar tem duração extremamente breve, enquanto na meditação ela é muito mais prolongada. Das quatro ocasiões comuns, a experiência durante o orgasmo é a mais intensa. Esta é uma razão pela qual a prática da bem-aventurança é usada na Suprema Tantra Ioga. A razão pela qual a imagem sexual é usada nos Tantras da Suprema Ioga é com frequência mal compreendida. Ela é usada porque o orgasmo é a mais intensa das quatro ocasiões comuns em que aparece a clara luz; por isso é usada na meditação para prolongar a experiência do emergir da clara luz—para tornar a experiência mais clara e mais vívida.

VARELA:... Do ponto de vista do biólogo, a causa cooperativa da consciência muito sutil no nascimento é apenas uma célula, o embrião, enquanto o cérebro tem milhões de células. Como o fluxo de consciência penetra em uma única célula? Por que ele não comete um equívoco e penetra em uma ameba? Em termos de estrutura celular, o óvulo fertilizando e a ameba têm os mesmos componentes físicos. Eles têm diferentes cromossomos, mas em qualquer outro sentido são idênticos.

JINPA: Estamos falando sobre a base da consciência renascendo enquanto ser humano?

VARELA: Sim.

DALAILAMA: A resposta é tríplice. Por um lado, se temos um ser de estado intermediário e o fluxo da consciência está a ponto de penetrar no embrião humano, o fluxo da consciência não está simplesmente perambulando ao acaso. Ele é dirigido pelo carma para a matéria física. Não se trata de um acontecimento aleatório quando a consciência possui o carma do renascer como ser humano. Em segundo lugar, sob a perspectiva budista não podemos ter certeza de que o fluxo de consciência muito sutil não possa introduzir-se em uma ameba. Se a ameba é de fato um ser senciente, é possível que a consciência muito sutil penetre nela. Nos reinos informes não há nenhuma substância ou matéria em que a consciência possa introduzir-se; entretanto, seres como as divindades nascem nesses reinos. E em terceiro lugar, sob certas circunstâncias, esse continuum de consciência extremamente sutil introduz-se no estado intermediário e, assim, tem o corpo de um ser de estado intermediário, mas, mais uma vez, também não se introduziu em uma substância material. Pode-se chamá-lo de corpo de pura energia, mas não é um corpo material. Ele surge espontaneamente. É um nascimento espontâneo ou, se quiser, súbito, já que não existe qualquer óvulo ou útero. Além do mais, assim que o ser de estado intermediário passa a existir, ele já possui todas as faculdades sensoriais. Elas não evoluem gradualmente no caso daquele indivíduo.

VARELA: Esta explicação parece muito pouco convincente em termos de neurofisiologia, supondo que o cérebro e o corpo atuem como causas cooperativas. Porque, de um lado, temos o embrião, que é uma única célula, e do outro, temos o cérebro, que consiste de milhões de células em um adulto plenamente desenvolvido. Ainda assim, o fluxo de consciência permanece o mesmo: isso significaria que qualquer célula pode ser uma causa cooperativa do nascimento?

DALAILAMA: Vamos deixar de lado o caso em que a clara luz surge como resultado da prática meditativa e considerar as circunstâncias normais. Quando o cérebro está funcionando, surgem apenas os níveis grosseiros de consciência e jamais a clara luz. Acho que houve algum mal-entendido. O cérebro atua como causa cooperativa, não para a consciência extremamente sutil, mas para as manifestações da conceitualização, da percepção sensorial e assim por diante. Enquanto o cérebro está funcionando dessa

maneira, ele age como causa cooperativa dos vários eventos cognitivos. Nesse momento, a mente extremamente sutil está latente. Nesse sentido, o funcionamento do cérebro virtualmente asfixia ou suprime a mente extremamente sutil.

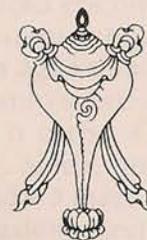
VARELA: Portanto, se entendi bem, a consciência extremamente sutil encontra seu caminho para a criação do embrião e os níveis mais grosseiros da consciência surgem quando o cérebro se desenvolve. Mas, se esse nível sutil de consciência penetra no embrião como uma causa cooperativa, como pode o embrião atuar como causa cooperativa para o desenvolvimento da consciência?

WALLACE: O embrião não atua como causa cooperativa da consciência extremamente sutil.

DALAI LAMA: Três diferentes tipos de energia servem como veículos da consciência extremamente sutil. Explicando resumidamente, o continuum extremamente sutil da mente extremamente sutil está conjugado com um continuum de energia extremamente sutil. Esta é a origem de toda a questão. A corrente de energia extremamente sutil é o encaixe para a consciência que lhes permite a conjugação. Dessa maneira, se poderia dizer que o momento que precede à consciência extremamente sutil é a causa cooperativa daquela consciência. É uma relação causal, não substancial.

VARELA: Ainda assim, eu gostaria de esclarecer o que dissemos antes: que no momento da morte os níveis mais grosseiros da consciência desaparecem. Como a consciência extremamente sutil pode ter um carma que a dirige para os futuros pais?

DALAI LAMA: As impressões cármicas estão localizadas no fluxo muito sutil de consciência. Estão localizadas na consciência que deixa o corpo, não na que é deixada para trás. Agora, como isso ocorre em termos de relação cármica entre uma mente extremamente sutil e o corpo e a mente grosseira nos quais ela penetra? Para começar, a relação cármica é estabelecida antes da morte, antes da manifestação da mente extremamente sutil. Exatamente antes da morte, certas causas e condições se combinam e determinam o tipo de renascimento que ocorrerá na vida imediatamente subsequente. Mas, durante o período de estado intermediário, a mente extremamente sutil está novamente latente, porque a mente e o corpo de estado intermediário representam níveis mais grosseiros e



BUDA
MAITREYA,
O FUTURO
BUDA



essa condição também determina quem serão os pais. Assim a relação cármica entre a consciência e os pais é determinada enquanto a mente extremamente sutil estiver latente, quer durante o período de estado intermediário, quer imediatamente antes da morte.

VARELA: Assim, neste preciso momento, sou simultaneamente permeado por um fluxo de consciência e estou estabelecendo relações cármicas, e isso está sempre ocorrendo? E ao mesmo tempo os três níveis de consciência estão todos interagindo uns com os outros?

DALAI LAMA: Sim. Eles estão todos presentes. Pelo menos um deles está em estado latente, enquanto os outros estão ativos. Tenho minhas dúvidas quanto à possibilidade de a consciência ou cognição grosseiras ocorrerem realmente na ausência da mente extremamente sutil. Acho que se deveria pesquisar mais por meio da meditação, já que os tipos de experiências e sensações que surgem no cérebro são fenômenos observáveis pelo meditador em diferentes estados de percepção.

VARELA: Sim. Conceitual e factualmente falando, não há razão para excluir o modelo de cérebro como uma causa cooperativa da consciência, desde que se aceite a possibilidade de existirem outros níveis de consciência mais sutis.

LIVINGSTON: A mente muito sutil está lo-

calizada na região do coração. Será que ela controla ou influencia de alguma forma a consciência grosseira?

DALAI LAMA: Não direta, mas indiretamente. Falando em termos gerais, há dois níveis de clara luz. Um é a clara luz muito sutil, que se manifesta naturalmente apenas na hora da morte, e o outro inclui os níveis sutis da clara luz que se manifestam por ocasião do bocejo, do desmaio etc. Todas as experiências de cognição, todos os estados mentais, são impregnados de clara luz muito sutil, porque a natureza da clara luz permeia todos os momentos da experiência e todos os níveis da consciência, grosseiros e sutis. Por exemplo, os níveis grosseiros da mente são dirigidos a objetos externos e, por isso, surgem em aspectos similares aos objetos enfocados. A imagem ou impressão do objeto impede que a natureza essencial da claridade se torne manifesta. Como resultado da meditação, ou no estado natural da morte, a mente mais grosseira retira seu foco dos objetos externos e esse tipo de impressão desaparece. Como consequência, a natureza essencial da claridade torna-se mais manifesta. Este é todo o significado do Mahamudra, a Grande Perfeição (Dzogchen) e de outros ensinamentos que afirmam que esse tipo de meditação, realizada retirando-se a atenção dos objetos externos e voltando-a para dentro, finalmente coloca nos objetos externos menos sentimento interno. Este é um tipo de meditação não-conceitual que resulta em uma sensação de vazio no início, mas à qual a pessoa se acostuma aos poucos



através da prática constante. Então, torna-se possível ter uma experiência muito clara da mente e mesmo experimentar a verdadeira claridade da própria mente.

LIVINGSTON: Posso esclarecer? Pelo que entendo, a mente muito sutil existe na região do coração e a mente grosseira não é controlada momento a momento. Se o apego à percepção dos objetos reais é superado e o meditador começa a voltar-se para dentro, a consciência grosseira pode ser orientada de alguma forma pela mente muito sutil. Correto? Se um nível mais profundo de desligamento do mundo exterior é alcançado, obtém-se uma relação mais estreita entre a mente muito sutil e a mente grosseira, agora consideravelmente mais desapegada do mundo exterior.

DALAI LAMA: O que o senhor disse é verdade, mas para se ter a experiência da clara luz são necessários dois fatores principais. O primeiro é, como o senhor descreveu, o afastamento da mente dos objetos externos. O segundo fator cooperativo é o controle e, por último, o impedimento das energias que causam o movimento da consciência em direção aos objetos externos. Isto se alcança quer através da meditação sobre as gotas e canais, quer através de iniciações, bênçãos e inspirações de força dadas por um guru que possua esse tipo de realizações. É importante ter em mente que, além da progressão da mente extremamente sutil para a mais grosseira, há também uma progressão das formas muito sutis de energia para as mais grosseiras. A energia extremamente sutil associa-se à mente extremamente sutil e se localiza no coração. Além do mais, assim como os níveis grosseiros de cognição estão localizados no cérebro, os níveis grosseiros de energia também estão localizados no cérebro. Acho que pode haver uma relação aqui, no sentido de que as energias grosseiras do cérebro causam os padrões e flutuações pelos quais o cérebro funciona. Durante o verdadeiro processo do caminho para a iluminação, os níveis mais grosseiros da mente e a mente muito sutil estão altamente interativos. Certas técnicas meditativas se aplicam aos níveis mais grosseiros da mente para atingir os níveis mais sutis da mente, e a experiência da manifestação de níveis mais sutis permite ao meditador controlar os níveis mais grosseiros. De maneira que eles cooperam a partir de ambas as direções. Aguardo futuras discussões entre budistas e cientistas com respeito a certos métodos praticados no caminho do despertar, baseados em pesquisas envolvendo os tipos

de transformação que ocorrem nos corpos e mentes dos praticantes de meditação. Acho que essa é uma área para uma discussão extremamente frutífera.

CONCLUINDO

VARELA: Vossa Santidade, acho que durante esta semana demonstramos um grande interesse em muitos assuntos e nos sentimos todos muito felizes por estarmos aqui, mas acho que falo por todos quando digo que, acima de tudo, nossa maior felicidade foi podermos prestar algum serviço ao senhor para que possa continuar a manifestar esse amor e bondade que são oferecidos a todos. Acho que nossa maior satisfação foi ter feito algo, ainda que mínimo, para ajudá-lo a transmitir a sua mensagem, que todos partilhamos profundamente.

DALAI LAMA: Muito obrigado. Estou muito agradecido por isso. É uma responsabilidade de todos nós. Como não tenho nada a perder, tenho me expressado mais neste campo. (Risos). Sem interesses, como podem ver, pois desde que perdemos nosso próprio país e muitas outras coisas, não resta muito sobre o que exercer o egoísmo! É mais fácil falar livremente quando não se tem nenhum país, nada! (Risos).

Do nosso ponto de vista somos, na verdade, como turistas visitando este planeta. Portanto, como podem ver, o importante é que, enquanto se permanece aqui devemos ser uma boa pessoa, pelo menos, não um encrenqueiro. Deveríamos viver a nossa própria vida com um propósito positivo e significativo. Não estou falando de nirvana ou da próxima vida, mas daqui. A pessoa feliz cria uma atmosfera de felicidade. Nos últimos dias, uma das maiores satisfações para todos nós, foi uma atmosfera sincera e feliz – o verdadeiro sentimento humano que se desfruta e traz algum tipo de benefício. Se a atmosfera for diferente, se for demasiado formal ou demasiado reservada, não obtemos esse tipo de satisfação. Essa é a verdadeira fonte de felicidade.

Discutimos uma série de temas complexos nesta semana e foi muito bom, considerando-se o tempo limitado. Não são temas que possamos discutir exaustivamente, nem podemos chegar a quaisquer conclusões definitivas. São temas que precisam ser pesquisados de geração para geração. Tenho certeza de que esta semana representou uma pequena contribuição para o começo de uma nova abordagem – para dar uma nova dimensão à realidade. ▲

**Esperemos
novas
discussões
entre
budistas e
cientistas,
enfocando as
transformações
nos corpos
e mentes dos
praticantes
de meditação.**



EDITORA PALAS ATHENA

Próximos lançamentos

ANTOLOGIA DO ÊXTASE

Pierre Weil

A civilização moderna oferece recursos e um conforto cada dia mais surpreendentes. Diante dessas conquistas da ciência e da tecnologia, experiências espirituais e místicas não estariam ultrapassadas?

É fácil verificar que a felicidade, que supostamente viria junto com o mais avançado nível de recursos, raramente é alcançada. Em consequência, certa nostalgia toma conta da alma. A nostalgia de um paraíso perdido que foi confundido com o conforto. E, na maioria dos casos, continua-se a buscar fora um estado de consciência – e de felicidade – que só pode se encontrar em si mesmo.

Já diziam Jesus e Buda que o fim do sofrimento humano reside na descoberta da verdadeira natureza

do espírito que está em nós mesmos. Esta descoberta sim, é acompanhada de um estado de paz e de plenitude praticamente indescritíveis.

Antologia do Êxtase apresenta uma coletânea inédita de testemunhos – antigos e contemporâneos – de que esse estado é possível, uma vez que sempre existiu e que tende a aumentar à medida que nos aproximamos do terceiro milênio.

É justamente desse estado de sabedoria primordial e de amor que o homem moderno necessita para aplacar sua angustiante nostalgia do paraíso perdido. O paraíso existe em cada um, sem exceção. Essa a mensagem fundamental das experiências aqui reunidas, sejam elas procedentes ou não do contexto das grandes tradições espirituais.

AS MÁSCARAS DE DEUS

volume I - Mitologia Primitiva

Joseph Campbell

Em *As Máscaras de Deus*, Joseph Campbell, eminente professor e pesquisador de mitologia comparada que viveu até 1987, brinda-nos com um raro trabalho de análise e de síntese, somente possível a quem, como ele, dominasse várias áreas do conhecimento. Ao longo da obra, as raízes primitivas da mitologia mundial são examinadas à luz das mais recentes descobertas da arqueologia, da antropologia e da psicologia. Temas como o roubo do fogo, o dilúvio,

a terra dos mortos, o nascido de uma virgem, o herói ressuscitado, repetem-se no mundo inteiro sob múltiplas combinações, como elementos de um caleidoscópio. Tomados sem maior seriedade nas histórias contadas como mero entretenimento, quando aparecem em contextos religiosos, esses mesmos elementos valem como revelações de verdades que têm orientado o poder espiritual e temporal de todas as culturas.

Não se conhece sociedade humana em que tais motivos mitológicos não

tenham sido repetidos em liturgias, interpretados por profetas, teólogos ou filósofos, representados na arte, exaltados em hinos e experimentados com êxtase em visões vivificadoras. Assim, o resultado desta viagem pelas mitologias do mundo será, no mínimo, uma visão multifacetada da unidade que marca – e nos ajuda a entender – a trajetória da humanidade como um todo e a de cada homem em particular.

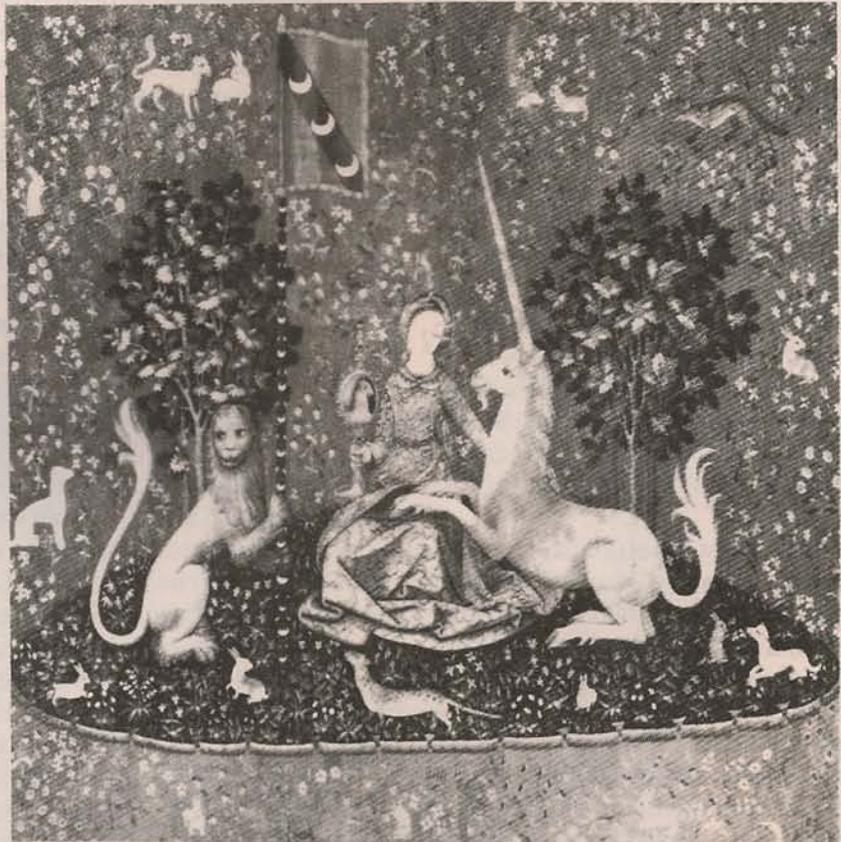
O OUTRO LADO DA VIRTUDE

*Vícios nada mais são do que a perversão de virtudes.
É o que mostra esta reflexão sobre os sete pecados capitais,
extraída de um texto de Martin Lings.*

"E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou, porque nele descansou de toda obra que, como Criador, fizera."

Sete significa, portanto, o repouso no Centro Divino. Deste ponto de vista, é o símbolo da finalidade e perfeição absolutas, manifestando-se neste mundo como um selo divino sobre as coisas terrestres, como no número de dias da semana, dos planetas, dos sacramentos da Igreja e diversos outros setenários. Mas, a despeito dessas considerações, ou melhor, por causa delas, há, como vamos ver, uma profunda razão para que os pecados capitais sejam em número de sete.

Em busca da chave deste paradoxo, a primeira coisa a ser lembrada é a continuidade subjacente entre o homem edênico e o homem decaído. Na Queda, não houve uma nova criação; virtualmente, o homem ainda é um ser central. Se não o fosse, não haveria nostalgia em sua alma e a perfeição humana primordial, em vez de uma norma ou um ideal, seria inatingível e como que estranha. Na verdade,



*A DAMA DO UNICÓRNIO,
um motivo simbólico muito difundido na Idade Média,
relacionado com o poder, a pureza, a energia espiritual
e o elemento divino e criativo.*

porém, ela nunca foi anulada, daí a doutrina do pecado original, que é em si mesma uma afirmação da continuidade que estamos considerando. Além disso, uma doutrina do pecado significa uma doutrina de expiação: onde se trata, não de uma perda irrecuperável, mas da letargia e perversão da alma, podendo haver um reavivamento e uma reintegração.

Esta continuidade reversível entre a norma primitiva e o fato atual significa que, por mais propensos ao pecado que se tenham tornado certos poderes da alma, eles eram, originalmente, inocentes. Devemos nos lembrar também, a este respeito, do axioma *Corruptio optimi pessima* – isto é, "o melhor, quando corrompido, se torna o pior". E à pergunta: "O que é o pior?", podemos responder, com referência à alma humana: "Os sete pecados capitais".

Estes pecados podem ser tomados como pontos de referência no domínio de tudo o que há de mais nefasto. E as três palavras "sete pecados capitais", de certo modo, se somam ao *corruptio optimi pessima*, porque o número sete trai a misteriosa presença de um *optimum* no contexto dos pecados capitais – *pessima corruptio*. Aqui se encontra também a chave do paradoxo da correspondência entre os pecados capitais e os planetas, incluindo os astros.

Tomados em sua ordem tradicional, *superbia* (orgulho) está relacionada ao Sol; *avaritia* (avareza) a Saturno; *luxuria* a Vênus; *invidia* (inveja) a Mercúrio; *gula* a Júpiter; *ira* a Marte e *accidia* (preguiça) à Lua. Seria um erro, entretanto, e até um sacrilégio, inverter esta forma de expressão e dizer que os pecados são efetivamente representados por esses corpos celestes de acordo com os quais, em virtude de sua exaltação e luminosidade, os próprios céus são nomeados. Tudo o que

se pode dizer é que os planetas são símbolos do que há de "melhor" na alma. E quando esses *optima* se corrompem, continuam a ser relacionados aos planetas, assim como continuam a trazer o selo dos sete.

Em outras palavras, as tendências ou poderes psíquicos que se tornaram veículos dos pecados capitais foram enumerados antes da Queda, quando ainda ocupavam na alma um lugar análogo ao dos planetas no firmamento. Assim, o sete pode ser considerado uma marca de identificação utilizada por um pastor – marca que continuará mostrando, quando uma ovelha se desgarrar, a que rebanho ela, por direito, pertence, e para o qual deve ser reencaminhada.

A cólera sagrada

Ao considerar como é possível para a "ovelha" desgarrar-se tanto, comecemos por um fato a respeito de um dos pecados, geralmente conhecido mas raramente ponderado, e que não deixa de ter suas implicações nos outros pecados. Uma característica que todas as religiões têm em comum é o conceito de cólera sagrada, exemplificada, no cristianismo, pelo episódio do Cristo expulsando os mercadores do templo, e da qual o próprio pecado parece uma paródia. Não é preciso dizer que há muitos graus de cólera entre os dois extremos. Mais precisamente, embora a ira raras vezes seja sagrada, ela é, com frequência, justa e, portanto, não pecaminosa. O pecado implica um extremo de violência, inteiramente desproporcional à sua causa, uma perda mais ou menos total do autocontrole e, portanto, da centralidade; uma suspensão momentânea de toda a consciência mais elevada, enquanto a cólera santa é como que um transbordamento dessa mesma consciência – uma inundação da

periferia pelo centro.

De modo análogo, embora o termo "avareza sagrada" não seja usado, não se poderia dizer que um avarento é a caricatura de um asceta e, em casos excepcionais, talvez até um asceta em potencial? A representação tradicional do avarento, um homem quase morto de fome, vestido de farrapos e carregando um saco de ouro, poderia ter um significado completamente diferente se o ouro fosse considerado de maneira simbólica e não literal. Alguns avarentos suportam o que seria descrito, no caso de um santo, como "heróicas privações". Contudo, como "os atos estão de acordo com as intenções", as duas pobrezas ficam tão distantes uma da outra como o inferno dos céus.

Não obstante – já que para Deus tudo é possível – se um grande mestre espiritual resolvesse acolher um avarento e fazê-lo *virar santo*, a avareza, embora necessariamente rejeitada, não teria que sofrer uma rejeição absoluta. A palavra *virar* é usada aqui deliberadamente, porque a tendência em questão teria de ser completamente reorientada. Em uma linha paralela de pensamento, não se poderia dizer algo análogo sobre o pecado da luxúria, por exemplo? E, com relação a outros pecados capitais, podemos recordar as palavras do Decálogo: "Eu, o Senhor teu Deus, sou um Deus ciumento". Não que a palavra "ciumento" utilizada aqui seja sinônimo de "invejoso", mas ambas têm, por assim dizer, raízes comuns – isto é, a recusa em aceitar que outro tenha ou receba algo que achamos que deveria ser nosso.

Do mesmo modo, com relação ao pior de todos os pecados, é significativo que no Islã um dos noventa e nove nomes divinos seja "O Orgulhoso". O *Corão* usa exatamente a mesma palavra pa-

ra glorificar a Deus e condenar o faraó. E se Deus é orgulhoso, então o orgulho deve ser também um aspecto da perfeição humana, feita à Sua imagem. Temos aqui uma virtude e um vício que apresentam o mesmo nome, ainda que se situem em pólos opostos das possibilidades humanas. E a verdade *corruptio optimi pessima* ergue-se como uma ponte sobre o abismo que parece separá-los. Resta saber como é possível que esta ponte seja atravessada, tanto por meio da corrupção como também, em sentido inverso, pelo caminho da redenção.

O oitavo pecado

No que se refere à corrupção, podemos encontrar nossa chave no simbolismo de outro número tradicionalmente associado aos pecados capitais: o número oito.

A origem da doutrina dos *peccata capitalia* pode-se remontar a Serapião, bispo de Thmuis, no delta do Nilo, em meados do século IV. Ele estipulou oito pecados capitais e enumerou apenas sete. Questionado sobre o oitavo, respondeu que era a condição elementar da alma sob a influência do pecado, a condição simbolizada pelo cativoiro dos israelitas no Egito. Ora, este cativoiro foi um estado intermediário entre duas liberdades e oito é de fato o símbolo do intermediário ou do transitório, que pode ser negativo, como neste caso, mas também pode ser positivo ou neutro.

Assim, se o sete denota simplesmente o melhor, o oito, em seu sentido positivo, denota o grau preciso que este "melhor" em particular (o melhor dos corruptíveis) ocupa na hierarquia universal. Em seu artigo sobre o simbolismo do octógono, o filósofo francês René Guénon menciona que, na arquitetura sagrada, uma estrutura octogonal freqüentemente serve de suporte

a um domo, marcando assim a transição da base quadrada para o cume circular, ou seja, do número terrestre quatro (são quatro os elementos, os pontos cardeais, as estações do ano que caracterizam o estado terrestre) para o número celeste nove. Em outras palavras, o oito denota a região intermediária entre a Terra e o Céu ou, microcosmicamente, entre o corpo e o espírito. E o octógono, sustentando o domo, é particularmente relevante aqui como um símbolo desta "melhor" parte da substância psíquica que é o veículo da luz espiritual, simbolizado pelo próprio domo. Este octógono tem,

NO CORÃO SATÃ NÃO TENTOU ADÃO POR MEIO DE EVA.

de fato, um triplo simbolismo, pois não é apenas um veículo para o domo, mas também – por estar imediatamente adjacente a ele – expressa a proximidade entre o Céu e os elementos psíquicos em questão e, sendo praticamente circular, expressa a natureza quase espiritual desses elementos. Além disso, oito é o número dos ventos, que significam as inspirações que estes elementos têm por função receber.

Contudo, sendo da alma e não do espírito, estes cumes relativos são, por definição, corruptíveis; e o demônio não só tem acesso a eles, como também é aqui, acima de tudo, que ele intervém (por

exemplo, quando consegue desviar Moisés e Josué das próprias margens das águas da Vida – *Corão* 18: 61-63), uma vez que não pode causar danos profundos à alma humana a não ser que consiga antes perverter um ou mais de seus elementos mais sublimes – os quais, no caso contrário de continuarem exercendo sua função intuitiva, permanecerão como sentinelas vigilantes, sempre prestes a dar o alarme.

Não foi por certo a quaisquer faculdades inferiores que a tentação original de Satã se dirigiu, mas àquelas que constituem as propensões do homem para o outro mundo, suas esperanças de imortalidade, seus desejos do intransitório. Isto é claramente ressaltado na descrição corânica da Queda (20: 120) que representa Satã tentando Adão, não por meio de Eva, mas diretamente: "Então Satã aproximou-se dele e disse: 'Ó Adão, poderei eu mostrar-te a Árvore da Imortalidade e um reino que não se desvaneça?'"

Citemos também o comentário de Abu Bakr Siraj ad-Din a este trecho em *The Book of Certainty* (Samuel Weiser, N. York): "Toda sua capacidade de iludir a humanidade através das eras está resumida no versículo acima. Incessantemente, ele promete mostrar ao homem a Árvore da Imortalidade, restringindo assim de modo gradual suas faculdades mais elevadas e mais centrais à parte externa da alma, de modo a poder aprisioná-las aí, em associação com os objetos falsificados que forja para sua percepção. É a presença destas faculdades pervertidas na parte mais externa da alma, descontentes por nunca poderem encontrar real satisfação ou em estado de atrofia por nunca terem sido devidamente utilizadas, que causa toda a desordem e obstrução na alma do homem decaído".

Devemos observar que é irrea-

lista afirmar que ninguém pode ser responsabilizado por qualquer coisa que tenha acontecido neste mundo antes de seu nascimento, porque o homem é, em certo sentido, sua linhagem. A cadeia de acontecimentos que, desde o começo do mundo, produziu a particular hereditariedade e o ambiente em que ele nasceu, corresponde exatamente aos "ganhos" totais de seus estados prévios. Assim, mesmo que uma religião não reconheça de forma explícita esses estados prévios, isto é, que não apresente a doutrina do samsara, a realidade a compele a considerar qualquer pessoa como tendo realmente sucumbido à tentação original que deu origem à Queda.

O sentido do infinito

Tomando exemplos particulares, pode-se dizer que o pecado da gula é causado pela presença extraviada, na parte exterior ou inferior da alma – aquela que está mais próxima dos sentidos –, de um elemento psíquico pervertido, cujo lugar é no limiar do Céu e cuja função normal é representar, para o indivíduo em questão, o que poderia ser chamado de sentido do infinito. Fiel a sua natureza, ele busca satisfação infinita no domínio do finito. Pode-se dizer que uma presença extraviada similar está na raiz do pecado da luxúria.

Por outro lado, os pecados "estáticos" ou "constitutivos" da preguiça e da avareza podem ser atribuídos a um senso pervertido de eternidade. O primeiro é a tentativa de realizar a paz eterna em um domínio que, por vontade divina, deve ser de movimento e vicissitude. O segundo é a tentativa de guardar eternamente aquilo que é, por sua própria natureza, efêmero; e é também a cegueira de atribuir aos "tesouros da Terra" o valor absoluto que pertence apenas aos "tesouros do Céu".

Eternidade e infinitude são dimensões do Absoluto e pode-se dizer que o senso pervertido do Absoluto, seja diretamente, seja através de uma ou outra destas dimensões, está na raiz de todos os pecados capitais. É apenas a "reverberação" do Absoluto, por mais remota que seja, que pode dar conta da monstruosidade dos exageros semi-insanos a que nos referimos.

O pecado da ira pressupõe uma falta de senso de proporção tão grande quanto o da avareza, embora de modo totalmente diferente; qualquer um dos dois pode ser descrito como o efeito "absoluto" de uma causa relativa. Mas a avareza é a deificação de um objeto material, enquanto a cólera, assim como os pecados da inveja e da soberba, implica certa deificação do ego, atribuindo-lhe direitos que pertencem apenas ao Absoluto, isto é, ao Si Supremo. Contudo, no ápice da alma dos santos, há necessariamente elementos de "trovões e relâmpagos" sublimes, assim como há necessariamente elementos que podem ser considerados participantes do cíume divino, na medida em que eles "invejam", por meio de seu discernimento, a atribuição de qualquer valor absoluto a outros que não o Si. Do mesmo modo, tendo conseguido a resposta à pergunta "quem sou eu?", os santos não podem deixar de participar do orgulho divino, que se refletirá na parte externa da alma, não como o pecado da soberba, mas como a virtude da dignidade e, às vezes, até da majestade.

A parte intuitiva da substância psíquica, a parte por meio da qual se pode dizer que a alma possui o senso do Absoluto, do Infinito e do Eterno, só pode se tornar plenamente atuante se todos seus elementos estiverem em seus legítimos lugares. A alma dos santos está em perfeita ordem e harmonia. As almas de-

caídas estão em um estado de desordem que varia, de maneira incalculável, de indivíduo para indivíduo. Não é preciso dizer que é possível que uma parte da substância mais elevada permaneça relativamente inalterada. Do contrário, não poderia existir nenhuma aspiração transcendente inicial e o indivíduo em questão jamais poderia se tornar um noviço na via espiritual. Mas, quanto àqueles elementos que se desintegraram e degradaram, naquela alma como em outras almas, seu caos é causado pelo fato de os elementos superiores estarem sepultados sob os inferiores ou, o que dá no mesmo, pelo extravio dos elementos interiores para a parte externa da substância psíquica, onde causam perversão ou obstrução, segundo sejam virulentos ou latentes.

Fervor e sede do Eterno

Em conexão com a dormência generalizada dos elementos psíquicos, é particularmente irônico que a noção de sinceridade – ou melhor, da palavra sinceridade, porque raramente é mais que isso – possa aparecer tantas vezes na complacência do século XX, porque a sinceridade, que implica uma vigilância integral, é precisamente o que mais falta ao homem moderno. As palavras, tantas vezes ouvidas, "sinceridade é tudo o que importa", expressam uma profunda verdade se ponderadas da forma devida. Mas, quase sempre se esquece que a sinceridade não pode ser avaliada senão em relação àquilo sobre o que se é sincero. Em outras palavras, a qualidade da reação subjetiva é inextricavelmente dependente da qualidade do objeto.

Tomando um exemplo particular, falar a respeito de um "humanista sincero" ou de um "comunista sincero" não passa, na verdade, de uma contradição

de termos, se a palavra "sincero" mantiver seu sentido de "total dedicação".

Entusiasmo, como todos sabem, não é garantia de que o sujeito seja sincero. Este século, espe-

NÃO É O MÍSTICO QUE DESCE. O INFERNO É QUE SE ERGUE.

cialmente em sua segunda metade, testemunha sem cessar as mais violentas orgias de entusiasmo e, não raro, o objeto é tão sem valor que o "entusiasta" em questão não pode ser mais que uma pequena fração de uma alma, uma fração que, talvez momentaneamente, se tenha declarado independente da razão, da memória e de outras faculdades.

Esses casos podem não ser muito perigosos em si mesmos, mas são o sintoma alarmante de uma desintegração psíquica generalizada. Retornando aos entusiasmos, menos paroxísticos mas bem mais crônicos e, portanto, mais perigosos, dos humanistas e dos comunistas, temos apenas de ponderar que nem o humanismo nem o comunismo têm o que quer que seja a oferecer às esferas mais elevadas da alma humana. Se este entusiasmo é, apesar de tudo, capaz de exercer um domínio duradouro sobre qualquer outro indivíduo, isto só é possível sem o consentimento de seus elementos psíquicos mais elevados, e a presença negativa desses elementos, mesmo que estejam latentes ou atro-

fiados, impede qualquer cogitação de sinceridade.

Pode-se objetar que, em alguns casos, os elementos de que falamos estão pervertidos sem estarem dormentes e que a alma pode entrar em um estado caótico mas, contudo, "inteira" e, portanto, sincera, e que não há dúvida, no que se refere aos dois entusiasmos em questão, de que são capazes de adquirir seu formidável ímpeto apenas exaurindo, em grau elevado, os tesouros latentes de fervor espiritual ocioso da alma. Mas tal roubo jamais será total, pois a perversão é sempre fragmentária. O fervor, em seu sentido mais elevado, não é nada menos que a sede do Absoluto, do Infinito e do Eterno, e não pode haver medida comum entre os veículos psíquicos desse fervor, quando devidamente situados no ápice de uma alma normal, e uma simples fração deles pervertida e perigosamente contida como parte de um entusiasmo por algum objeto finito e efêmero.

Um cego guia outro cego

Apenas a ortodoxia religiosa em sua plenitude – isto é, quando dotada de toda a extensão de sua terceira dimensão de misticismo – é ampla o bastante para engajar toda a substância psíquica do homem e coordená-la em uma sinceridade digna do nome. A verdade é a totalidade indivisível e exige do homem que ele seja nada menos que um todo indiviso; e é um critério de ortodoxia que ela possa lançar reivindicações sobre todos os elementos de nosso ser.

Mas, como pode o misticismo realizar o inverso de *corruptio optima pessima*? Este inverso pode ser expresso por: "A pedra rejeitada pelo construtor tornou-se a pedra angular". O contexto original dos Salmos (118: 22) sugere diretamente (embora não exclusivamente) uma interpretação,

não em seu sentido mais elevado, como mencionado por Cristo e comentado por São Paulo, mas em sentido relativo, segundo o qual se assemelha à parábola do filho pródigo:

"O Senhor castigou-me severamente, mas não me abandonou à morte.

Abram-se para mim as portas da virtude: por elas entrarei e louvarei o Senhor.

Eu louvarei o Senhor porque Ele me ouviu e se tornou minha salvação.

A pedra que o construtor recusou tornou-se a pedra angular."

O inverso de *corruptio optima pessima* também pode ser expresso por: "Haverá mais alegria no céu por um pecador que se arrependa que por noventa e nove justos que perseveram". Esta "justiça" é exatamente análoga à simetria da maior parte das pedras. Por outro lado, a falta de simetria pela qual a pedra fundamental foi rejeitada, e que é, pelos padrões normais, uma deformidade, é mostrada como uma extensão da supraformalidade celestial, uma vez que esta pedra tomou seu devido lugar no topo do arco que é, como o octógono, um símbolo arquitetônico do portal do Céu.

A primeira fase da alquimia espiritual do arrependimento é a "descida aos infernos", assim chamada porque é necessário primeiro penetrar nas profundezas da alma a fim de recobrar consciência do "pior" que, pelo arrependimento, deverá tornar-se novamente o melhor. Em relação a isso, uma referência à psicanálise é, sem dúvida, oportuna, e o autor pede licença para repetir aqui o que ele mesmo formulou em outra ocasião, em contexto semelhante:

O moderno desenvolvimento da psicanálise torna necessário explicar que esta primeira fase do caminho místico difere radicalmente de qualquer incursão

psicanalítica no subconsciente. Na maioria das vezes, a psicanálise é um processo em que um cego guia outro cego, pois se trata simplesmente da ação de uma alma sobre a outra, sem o auxílio de qualquer poder transcendente. Mas a iniciação, acompanhada por práticas devocionais e ascéticas que lhe são próprias, abre a porta para o contato com o poder aperfeiçoador e unificador do Espírito, cuja presença exige que a presença psíquica se torne de novo um todo único. Os elementos mais ou menos dispersos dessa substância são, assim, forçados a se juntar, e alguns deles chegam encolerizados, vindos de esconderijos escuros e recônditos, com os poderes infernais ainda atados a eles. Deste ponto de vista, é mais verdadeiro dizer que é o inferno que se ergue do que afirmar que é o místico que se rebaixa, e que o resultado dessa subida é uma batalha que tem a alma por arena...

Os portões da integridade

No início da via espiritual, os elementos psíquicos pervertidos estão mais ou menos adormecidos e distantes do centro da consciência. Eles devem, antes de tudo, ser despertados e depois redimidos, porque não podem ser purificados em sua dormência, e quando despertam, em estado de perversão furiosa, há sempre o risco de dominarem toda a alma.

Aqui se encontra o maior perigo da via, e é por este motivo que os métodos esotéricos sempre foram mantidos mais ou menos secretos, já que é incomparavelmente melhor não se pôr a caminho de modo nenhum que seguir a via por certa distância e depois abandoná-la. De fato, seria legítimo afirmar que nenhum homem corre tanto o risco de se tornar a personificação de um ou mais pecados capitais quanto o iniciado que quebra seu pacto.

A primeira fase da purificação é a rejeição. A batalha é travada a fim de desbaratar e pôr em fuga aqueles elementos que se transformaram nas possibilidades mais baixas da alma, pois é só pela expulsão e pelo exílio que estes elementos podem ser desligados e isolados das relatividades às quais se tornaram excessivamente ligados, e libertados das falsas associações que os atrofiaram e deformaram. A rejeição é, então, no final das contas, uma liberação.

As "pedras" rejeitadas têm então de ser lembradas de sua verdadeira natureza e trazidas de volta, honrosamente, "através dos portões da integridade". Pode-se dizer que esta fase de amor e recordação segue a do temor e da renúncia, pois "o temor do Senhor é o início da sabedoria", mas as duas fases são parcialmente simultâneas na alquimia da purificação, pois o amor significa a consciência dos laços do Absoluto. E é esta conscientização, acima de tudo, que tem o poder de afrouxar os laços da relatividade.

Pode-se dizer que o Espírito, veiculado pelos ritos, se dirige aos elementos decaídos da alma exatamente com a mesma mensagem que de início os seduziu; desta vez, porém, a mensagem é verdadeira e uma mensagem verdadeira é infinitamente mais poderosa que uma falsa: "Ó, Adão, poderei mostrar-te a Árvore da Imortalidade e um Reino que não se desvanece?" Pela implacável regularidade rítmica da execução dos ritos, característica essencial do caminho espiritual, esta promessa de transcendência é repetida sem cessar à alma, e já que os principais elementos envolvidos, aqueles que não foram feitos para outra coisa que não o transcendente, estão sendo simplesmente solicitados a se conformarem a sua natureza própria e verdadeira, esta promessa está destinada a se revelar, cedo

ou tarde, irresistível – daí a exaltação das virtudes da perseverança, paciência e confiança dos mestres espirituais de todos os tempos e de todas as religiões. ▲

A RESPEITO DE MARTIN LINGS

Mateus Soares de Azevedo

Martin Lings nasceu em 1909 em Lancashire, Inglaterra. Após completar seus estudos em Oxford, segue para a Lituânia em 1936, onde trabalha como professor de inglês medieval na Universidade de Kaunas. Quatro anos depois, está na Universidade do Cairo, ensinando literatura inglesa, particularmente Shakespeare. Em 1952, de volta a Londres, torna-se conservador de manuscritos orientais do British Museum.

Lúcido e forte aos 83 anos de idade, Martin Lings vive atualmente próximo da capital inglesa, onde continua a escrever seus livros. Suas principais obras são: *The Eleventh Hour* (em que discute a crise espiritual do mundo moderno à luz da tradição e da profecia); *Sheik al-Alawi, um Santo Sufi do Século XX* (biografia do grande mestre sufi magrebino); *Ancient Beliefs and Modern Superstitions* (crítica das superstições em que se transformaram as "palavras mágicas" de evolução e progresso para o homem moderno); *Muhammad – His Life Based on the Earliest Sources* (internacionalmente aclamado como a melhor biografia sobre o profeta do Islã); *Qué es el Sufismo?* (original e profunda abordagem "de dentro" do esoterismo islâmico) e *Symbol and Archetype* (estudo sobre o sentido da existência).

Martin Lings é um dos principais expositores em língua inglesa da *Sophia Perennis*, aquela sabedoria presente no coração de todas as religiões tradicionais. O texto que aqui publicamos constitui uma boa introdução a esta *sophia perennis*: valendo-se de dados de diversas espiritualidades, sobretudo cristãos e islâmicos, Lings mostra como os principais vícios da alma humana são afinal de contas perversões das virtudes, relacionando ambos, virtudes e vícios, aos números e planetas, vistos em seus aspectos simbólicos.

Mateus Soares de Azevedo é jornalista.

O CORAÇÃO DA FILOSOFIA

*Segundo Jacob Needleman, o intuito de seu livro
O Coração da Filosofia, publicado pela Editora Palas Athena,
foi indicar o lugar que as grandes idéias filosóficas podem ter na vida
cotidiana de homens e mulheres da atualidade...*

*O trecho a seguir, correspondente ao capítulo "Eros e Ego: por uma
Redefinição da História da Filosofia", é uma clara mostra do que ele
chamou de "amor ao significado",
e que constitui a própria essência da filosofia.*

Há dois estágios no estudo da filosofia, correspondentes aos dois estágios principais da própria vida humana. Em princípio, o propósito da filosofia é conduzir a mente, repetidas vezes, de volta à necessidade de enxergar o mundo como que de um outro nível, outra dimensão, capaz de outorgar a tudo o que está à nossa frente um matiz e um valor diferentes. Trata-se de um poder da mente que nos indica um nível mais elevado de ser no interior da natureza humana. Não se trata, ainda, do nível superior propriamente dito. É um nível adolescente, a meio caminho entre a abertura informe da criança e o ego individual, já formado, do adulto. É uma orientação da

mente, uma sensibilidade da mente – aquela mesma mente que é também moldada e limitada por todos os lados pelas necessidades pragmáticas e as influências do mundo cotidiano, com seus valores de sobrevivência psicológica e física, suas exigências materiais e sociais.

O segundo estágio tem lugar quando as grandes idéias nos conduzem a um encontro frontal entre essa sensibilidade da mente, esse amor à verdade por um lado e, por outro, o ego individual já formado, com seus desejos e temores específicos sustentados por opiniões profundamente arraigadas e, mais importante ainda, o conhecimento adquirido, os gostos formados e mesmo as visões

filosóficas que atingem aquela região da psique geralmente compreendida como a personalidade humana adulta. O segundo estágio da filosofia corresponde àquele do desenvolvimento humano não alcançado por todos em suas vidas, e no qual se percebe que todo o cabedal, todos os dados de um indivíduo – científicos, éticos, religiosos e artísticos – foram adquiridos por uma parcela pequena de si mesmo, onde ficaram fatalmente moldados e confinados àquela parte onde prestam serventia unicamente aos valores sociais e de sobrevivência: o desejo de reconhecimento, segurança, saúde física e fama; a identificação com o país, a raça ou o grupo social; o desejo de prazer

O HOMEM TEM TENTADO PASSAR DIRETAMENTE DA ADOLESCÊNCIA À PERFEIÇÃO

e satisfação; o anseio de ter respostas para tudo e levar uma vida pessoal arrumadinha. Este segundo estágio consiste no confronto entre o amor ao ser e a mente egóica. Essas duas partes da natureza humana são experienciadas como absolutamente incompatíveis, expressando-se por escalas de valores inteiramente opostas. Levar o indivíduo a esse confronto é a meta última do estudo filosófico das grandes idéias; para além desse confronto, é necessário um tipo de estudo bastante diferente – e isso não é para "crianças".

Podemos considerar a história global das idéias em nossa civilização pelo prisma dessa distinção. Sob a influência do primeiro estágio da filosofia, o homem concebe um mundo a seu redor, o mundo revelado a seus sentidos, em termos de espaço e tempo, como uma série de aparências, mais ou menos ilusórias. Para além desse mundo – inacessível ao conhecimento e à percepção comuns – encontra-se um outro, o mundo real das coisas em si, sendo o mundo em que

vivemos no máximo uma sombra, um reflexo, do mundo real. Esta idéia, sob muitas e variadas formas, é a principal idéia que rege a história da filosofia. Sob uma ou outra roupagem, sua expressão e desenvolvimento estende-se desde os ensinamentos de Pitágoras, passando por Sócrates, Platão, Aristóteles, o período medieval, o Renascimento e a era moderna. Hoje, tal como na mais remota Antiguidade, ela possui o poder de tanger uma corda extraordinária na mente humana. Qual o elemento, em nós, que reage a essa idéia? Certamente é algo, algum impulso, que também se encontra por trás dos fenômenos de nosso próprio mundo psicológico – nossos pensamentos, opiniões, desejos e motivações comuns. Foi denominado *eros* e simbolizado pela imagem da "adolescência"; um espírito jovem, entre o homem mortal e os deuses imortais.

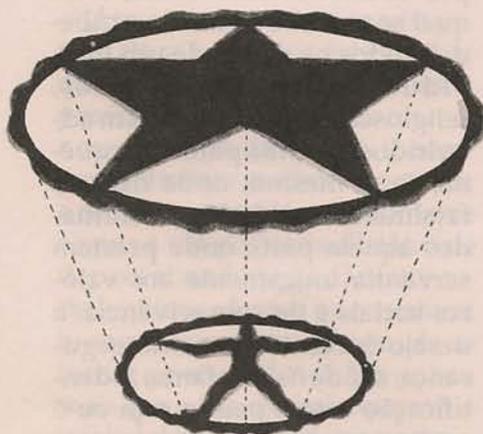
Em última instância, porém, todos aqueles que buscam o primeiro estágio da filosofia com intenção séria, descobrem que o mundo das aparências, o mundo "ilusório" no qual vivemos, tem uma obstinada realidade. Esta se recusa a dissolver-se ou recuar e impõe sua presença; com ela devemos lidar, nela devemos viver e a ela devemos organizar. Lança imperativas exigências à nossa energia e atenção, jamais se amoldando às formas ideais do mundo metafísico. O mundo em que vivemos contradiz, na verdade, a realidade ideal para a qual somos atraídos por *eros*, e esta contradição permanece inevitável enquanto vivemos. Como encarar esta contradição?

Dá-se o mesmo em nosso interior. Nossos pensamentos, emo-

ções e hábitos físicos amoldam-se continuamente à identidade do ego, que, sem descanso, se opõe ao anseio do ser interior, à liberdade de consciência e ao poder moral. Como enfrentar essa contradição interna?

Grandes idéias perderam sua força em nossa civilização e em nossas vidas pelo fato de o homem ter procurado passar diretamente do primeiro estágio da filosofia à ação prática, sem ser conduzido ao segundo estágio. Ou seja: ele tem procurado caminhar de uma visão da verdade superior à ação moral sem confrontar-se, por tempo ou profundidade suficientes, com a contradição entre o movimento em direção à unidade e o movimento em direção à dispersão em todas as esferas da existência, mas especialmente dentro de si próprio. Ele tem tentado passar diretamente da adolescência à perfeição, sem viver frente a suas duas próprias naturezas – o deus e o animal de seu interior.

O confronto ao qual me refiro pode parecer insignificante comparado às grandes idéias e ensinamentos apresentados no decorrer dos séculos. A sra. W., com os olhos no chão e vivendo o conflito entre todo seu conhecimento adquirido e a súbita consciência de uma idéia que mobiliza seu coração para uma outra direção: estarei realmente tentando colocar essa experiência momentânea acima das grandes idéias? Na verdade, é precisamente o que pretendo. Contudo, se a sra. W. alguma vez na vida irá recuperar esse instante ou se irá tirar dele as conclusões corretas, é outra questão. O que estou sustentando é que, numa experiência assim, a filosofia



levou-a tão longe quanto é possível a qualquer ser humano. Para além desse ponto, as idéias precisam estar associadas a um confronto interno específico por um longo período de tempo.

O encontro entre a aspiração de ser e a mente egóica pode ser identificado como um momento único e, o mais importante, de transição na vida de qualquer adulto. É algo a ser encarado diante de todos os grandes problemas da vida. Atrás do problema jaz a Questão. Através desse encontro, quando ele é persistente e profundo o bastante, surge no homem uma mente nova, a qual Platão qualificou de *nous*, a consciência mais elevada, capaz de apreender o mundo tal como ele é em si mesmo. Essa mente nova, esse novo Eu, é alimentado apenas pelo embate prolongado entre as duas naturezas, quer dizer, apenas pelo enfrentamento prolongado da Questão em mim mesmo.

Mas estamos caminhando muito depressa. Antes que esse encontro decisivo entre as duas naturezas possa ocorrer, deve surgir a busca da verdade, a ignição de *eros* no intelecto e nos sentimentos comuns do homem. As idéias filosóficas sobre a vida humana como um todo e o cosmos devem circular no ambiente humano, enquanto influências capazes de atrair e magnetizar a mente comum.

Tais idéias existem – e em profusão. Platão não foi o único a introduzir estas idéias na corrente da civilização ocidental, embora a influência das idéias platônicas tenha sido, sem dúvida, a mais importante de nossa história. Os "filhos" e "netos" de Platão – de Aristóteles aos neo-

platônicos e posteriores – contruíram, com sua respeitável porção de formulações filosóficas próprias, para a vida do homem ocidental. Devemos incluir aqui, também, os estóicos, com seus penetrantes conceitos de mente universal interior e exterior e com o vínculo que estabeleceram entre as leis da ética e a transformação da estrutura psicológica do homem. Incluem-se aí, também, os vastos mundos da filosofia judaica e cristã – Maimônides, Agostinho, Escoto Erígena, Tomás de Aquino e inúmeros outros.

Aparecendo posteriormente, temos, ainda, a visão da realidade "sob o aspecto de eternidade" de Spinoza; temos a formulação revolucionária da idéia de númeno por Immanuel Kant e temos a visão de espírito, por Hegel, movendo-se na vastidão do tempo histórico.

O importante não é enumerar estes muitos canais por onde as idéias universais ingressaram no torvelinho geral da vida do Ocidente (...). O importante é reconhecermos o fato de que sempre existiram idéias capazes de levar-nos a considerar nossas vidas sob o prisma de uma outra escala de realidade. Ao mesmo tempo, contudo, a ação destas idéias viu-se progressivamente bloqueada no século XX. A filosofia, como influência no sentido de orientar o homem para uma outra realidade, interna e externa a si, praticamente desapareceu de nossa cultura. Já é hora de trazê-la de volta.

Digo "trazê-la de volta", mas a expressão não é muito precisa. O fato é que ela está retornando por força própria. A verdadeira questão é saber se estaremos abertos para ela como tal. As

grandes idéias forjadas nos centros iniciáticos da Antigüidade continuam existindo e estão penetrando agora nossa cultura sob novas formas, novas formulações e novas expressões. Estarão penetrando através de quem e do quê?

Antes de responder a esta pergunta, devemos perceber, também, que não é apenas a formulação intelectual das grandes idéias que volta a se misturar às influências sociais e de sobrevivência do mundo contemporâneo. As idéias filosóficas são apenas uma das formas pelas quais os ensinamentos reveladores enviam seus sinais em meio ao turbilhão da vida cotidiana; ao mundo da guerra e da paz, da saúde e da enfermidade, da família e do governo; a vida na qual os homens lutam e anseiam por fama, sexo, segurança, romantismo, aventura e diversão; a vida em que os homens avançam e recuam, se protegem e se destroem uns aos outros – o mundo de *maya* e *samsara*; o mundo e a vida caracterizados no Eclesiastes por " vaidade, vaidade". O nosso mundo.

Vindas como que de alguma fonte mítica central, situada acima e no interior do mundo da vaidade "sob o sol", surgem, em todas as épocas e culturas, sinalizações indicando outra direção, outro sentido para a vida como um todo. Idéias filosóficas, formas artísticas, arquitetura, música, símbolos, ritos e costumes, cerimônias, lendas, escrituras, tipos de dança e ensinamentos sobre o corpo humano, normas psicológicas e éticas – tudo isso, e muito mais, pode advir desses centros mítico-reais de conhecimento e penetrar a pró-

A PRINCIPAL TAREFA DA FILOSOFIA É PERTURBAR COM UM SONHO GRANDIOSO O SONO DOS HOMENS

pria atmosfera em que os homens conduzem suas vidas. No mundo da vida cotidiana, tudo isso é mesclado às influências da mente comum, às forças sociais e de sobrevivência do mundo, perdendo gradualmente sua pureza e seu poder de despertar. Podem, então, distanciar-se novamente, recuperando algo de sua clareza; ou podem surgir, de súbito, novas fontes de tais influências, enviando uma vez mais, sob novas formas, suas influências incitantes – novas formulações filosóficas das verdades eternas, uma arte nova, novos símbolos, novos mitos e escrituras, aparentemente diferentes das antigas sinalizações, mas contendo, em verdade, o poder de chamar o homem de volta à grande busca. Por meio dessas sinalizações, o indivíduo é levado ao limiar do encontro subjeti-

vo entre o amor à verdade e o sistema egóico, ponto em que se faz necessário um tipo bastante diverso de influência, aquela que não pode ser passada por forma alguma que seja menos do que o treinamento pessoal, direto, em autoquestionamento total e orientação da sensibilidade para o estado de recordar.

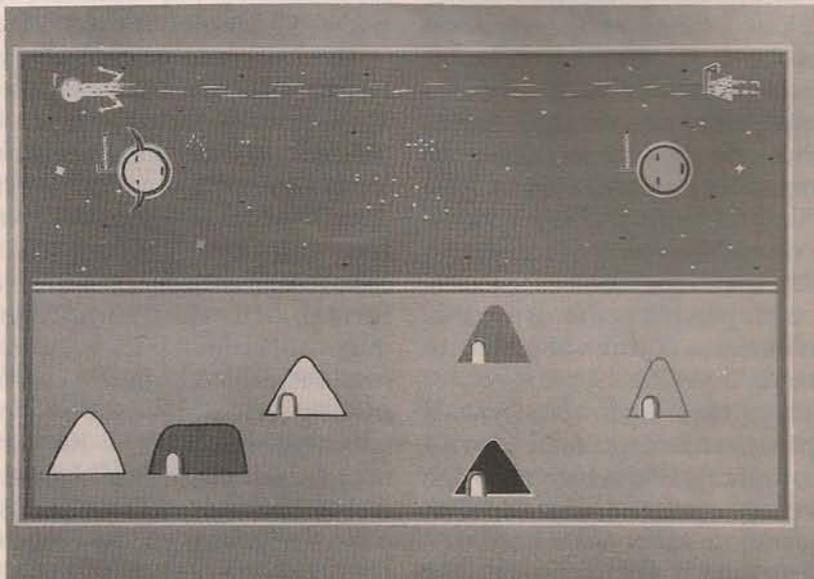
Sustento que a função primordial da filosofia é instilar na mente humana uma influência toda especial. Auxiliando o indivíduo a pensar na vida e no mundo pelo prisma de uma escala mais ampla de realidade, ela aponta-lhe a direção de algo que ele desconhece e que se encontra sob o mundo das aparências no qual ele está preso desde o momento do nascimento até a hora da morte. Ao mesmo tempo, ela aponta-lhe algo em si mesmo que ele desconhece, mais real do que a

identidade pessoal que o ambiente social lhe impõe – uma certa sensibilidade à verdade, um certo amor ou aspiração que se constitui no embrião de algo de grande importância nele. Neste segundo estágio, a filosofia leva o homem à percepção de que esta grandeza embrionária dentro de si encontra a resistência do ego pessoal e que lá fora, no mundo exterior, também existem duas grandes forças inerentemente opostas entre si. É essa compreensão da dualidade de si e do mundo que o homem precisa "digerir" de maneira imparcial e por um longo período sob "Sócrates", ou seja, sob uma espécie inteiramente diversa de influência. Através da orientação e da influência de "Sócrates", tem início o trabalho interior que leva à transformação, e cessa o estudo estritamente filosófico das idéias. O embrião é amamentado pela filosofia, mas a criança é parida através de "Sócrates" e cresce sob "sua" tutela.

Em resumo, a principal tarefa da filosofia é trazer algo de novo ao deplorável estado de adormecimento do homem, perturbar seu sono com um sonho grandioso e extraordinário que termine por incitá-lo a um instante de despertar. Na sombria escuridão noturna, ele enxergará uma figura tranqüila parada no meio do quarto. É Sócrates; atrás de Sócrates está parado um outro vulto, impossível de ser distinguido, porém estranhamente familiar. É esse mesmo homem.

Resta, assim, iniciar o trabalho de redefinir a história das idéias filosóficas para a nossa época. É necessário devolver à filosofia seu próprio papel de um chamado para recordar. ▲

*Terra e Céu,
centros mitológicos de poder no universo navajo.
Pintura de areia feita por Jeff King para uma cerimônia de bençãos.*



A CURA PELOS SONHOS

Afirmar que Asclépio, deus grego da medicina, ainda nos serve de guia, pode causar estranheza. A verdade é que, de forma inconsciente e intuitiva, a psicologia e as artes terapêuticas contemporâneas encerram diversos aspectos dos rituais de cura de seu templo. Pesquisadores modernos estudam esses rituais e seu contexto psicológico e antropológico.

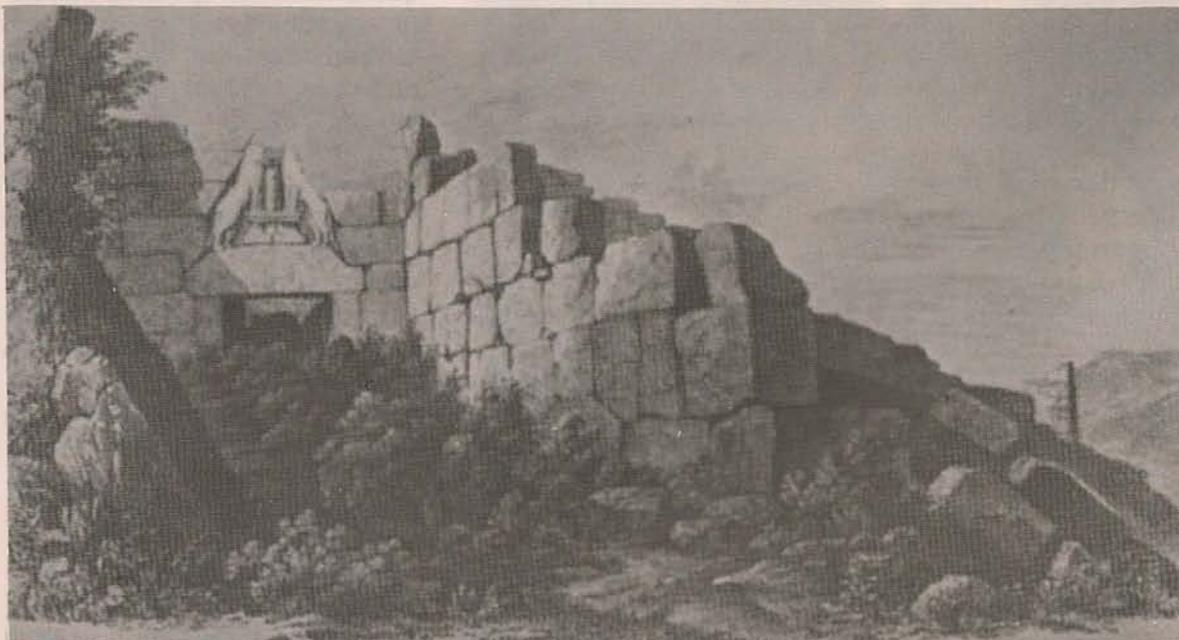
ROBERTO ZIEMER

Segundo H. J. Rose, autor de *Primitive Culture in Greece*, (Cultura Primitiva na Grécia), há três maneiras pré-científicas de encarar o sonho: como

um fato objetivo; como algo visualizado pela alma, externo ao corpo, e como experiência simbólica.

Na Grécia antiga, até o século V a.C., o sonho era visto sobretu-

do da primeira forma – objetivamente. Supunha-se que uma figura onírica, um deus, um fantasma, um mensageiro, independente do sonhador, vinha vi-



A porta dos Leões de Micenas

sitá-lo durante o sono. A linguagem dos gregos para descrever este tipo de sonho concordava com tal perspectiva: não se falava em *ter*, mas em *ver* um sonho (*onar idein*). O sonhador era passivo.

Essa maneira de conceber a experiência onírica deixou profundas marcas na literatura e na imaginação popular gregas desse período. Em mitos e lendas, por exemplo, os sonhos provam freqüentemente sua objetividade deixando atrás de si indícios materiais.

Os vários filósofos, poetas e médicos gregos antigos que fizeram comentários sobre os sonhos, criaram teorias que, de uma forma ou outra, se apoiaram em um dos modelos propostos por H. J. Rose. O poeta Homero, como os gregos de sua geração, estava convencido de que os sonhos eram mensagens dos deuses, os quais surgiam de forma personificada ante o sonhador, aparecendo e desaparecendo voluntariamente do sonho. Levando além esta abordagem, acreditava-se que durante o sono a alma se libertava do corpo, tornando-se mais sensível, o que lhe possibilitava o contato com seres superiores. No livro *Os Gregos e o Irracional*, E. R. Dodds aponta para esta mesma visão no orfismo, na crença de que o corpo é a tumba da alma. E também encontramos essa afirmação em *Fedro*, um dos diálogos de Platão.

Embora sem desenvolver nenhuma teoria específica sobre os sonhos, Platão argumentou que alguns podem ter um conteúdo profundo, quando originados do aspecto *logistikon* – faculdade imaginativa, sensata – da alma. São sonhos que, para o historiador Xenofonte, precisariam ser interpretados, pois estão além do conhecimento comum. "A obscuridade de sua mensagem trai sua proveniência de um mundo desconhecido, a esfera divina. Essa ambigüidade é uma

alusão à ruptura metafísica, manifesta a heterogeneidade entre a sabedoria divina e sua expressão em palavras", comenta G. Colli no livro *O Nascimento da Filosofia*.

Aristóteles desenvolveu uma teoria completa sobre os sonhos, em sua maior parte ainda atual. Ele afirmava que o sonho se origina dos movimentos sutis do corpo e da alma, que resultam da atividade dos órgãos dos sentidos durante a vigília. Uma vez que o sonhador está mais sensível para as mínimas mudanças de natureza orgânica, segundo Aristóteles, um médico experimentado poderia recorrer aos sonhos para prever doenças ou sua cura. Sonhar com pessoas conhecidas também poderia trazer informações proféticas. No entanto, ele lhes atribuía um fundamento racional, já que, conhecendo as motivações dessas pessoas e envolvendo-nos com seus problemas, naturalmente nos ocorreriam algumas conclusões acerca de como elas agiriam no futuro.

Previsões e profecias

Assim, contrário a muitos de seus antecessores, Aristóteles acreditava que os sonhos não tinham origem divina pois, se assim fosse, seriam enviados apenas aos melhores e mais sábios. A desvalorização do sonho que esta premissa encerra teve o conseqüente efeito negativo sobre a experiência onírica em todo o mundo ocidental.

Já os estóicos acreditavam que seus estudantes poderiam reconhecer, através de seus próprios sonhos, o progresso obtido no desenvolvimento da virtude. Também acreditavam no caráter profético dos sonhos, mas através de outro ponto de vista: o da conexão entre a alma humana e a alma do mundo. Durante o sono, quando os sentidos estivessem descansando, o homem poderia perceber a interligação

entre todas as coisas e, assim, conhecer o futuro.

É surpreendente encontrar uma explicação para os sonhos proféticos mesmo em Demócrito, um dos pais da teoria atomista. Para ele, a natureza do átomo é constituída de imagens (*eidola*), que emanam continuamente de pessoas e objetos e afetam a consciência do sonhador, penetrando nos poros de seu corpo. Dessa forma explica-se, mecanicamente, o efeito telepático.

Outro filósofo, Heráclito, antecipa em 2500 anos a posição da

EM MITOS E LENDAS GREGOS, OS SONHOS DEIXAM RASTOS.

psicologia moderna, afirmando que sonhos em geral são de natureza subjetiva e assim devem ser considerados: "Aqueles que estão acordados têm um e único mundo", ele diz, "mas no sono, cada um de nós se afasta dele e penetra no seu próprio".

O ponto de vista da medicina grega sobre os sonhos teve seu porta-voz em Hipócrates. O pai da medicina científica considerava que, no estado de vigília, a alma está atada às funções corporais, enquanto no sono está livre, com todas as funções fisiológicas e psicológicas à sua disposição. Hipócrates incentivava seus alunos a aprenderem a estimar corretamente essa correlação, pois isso os capacitaria a obter informações, impossíveis

de serem conseguidas de outra maneira. Acreditava, ainda, que o sonho poderia apontar para as causas das doenças através de imagens, comentário que entrevê, pela primeira vez no mundo antigo, a função simbólica da alma.

Tanto para os gregos quanto para outros povos antigos, era importante distinguir os sonhos significativos dos que não o eram. Entre os significativos, os gregos distinguem três tipos: o sonho simbólico, metafórico e enigmático, que necessita de interpretação para ser compreendido; o sonho visionário (*horama*), premonição de um acontecimento futuro; o sonho oracular (*chrematismo*), quando uma figura patriarcal ou um sacerdote ou deus revela o futuro e o que deve ser feito.

A partir do final do século V a.C., o sonho divino, objetivo, estará em declínio, pelo próprio declínio dos deuses tradicionais. A única exceção será o culto do deus Asclépio, exemplo de ritual de cura através do sonho oracular.

A doença divina

A antiga medicina teúrgica centrava-se na idéia de que a doença (como a cura), provinha das mãos de Deus, conseqüência de um relacionamento impróprio do homem com a divindade. Teurgia (*theos*, deus e *ergon*, trabalho) é a arte de criar um estado de êxtase, pela intervenção de espíritos divinos, benéficos, e também o poder de realizar fenômenos supranaturais, mágicos. O propósito da doença era forçar o indivíduo a confrontar sua separação dos deuses, levando-o a sacrificar a arrogância (*hybris*) e sujeitando-o, através do sofrimento, a servir aos deuses.

Em *Fedro*, Platão aprofunda a análise desta questão, ao reconhecer que as pessoas sofriam de doenças e aflições como conseqüência de ofensas infligidas aos deuses e que a cura se realizava

através de rituais de origem divinatória e purificações. Concretamente, o indivíduo só se curaria se fosse iniciado e integrado ao culto do deus responsável por suas aflições.

Ao considerar a doença como divina, o homem antigo estabeleceu empatia com todo método de cura espiritual. Isso fez com que a aflição divina, a *divina afflictio*, englobasse o diagnóstico, a terapia e o próprio prognóstico, na medida em que fosse adotada a postura correta – um ritual onde a cura se realizava através do médico divino. *Ele* era a doença e o remédio, conforme sentenciou o oráculo de Apolo: "Aquele que fere também cura". Dessa forma, a relação entre a doença divina e o médico divino formou o núcleo da arte de curar do mundo antigo. Nesse âmbito se situa a atuação de Asclépio.

Conhecido de início como médico mortal – Homero o chamava de "médico incomparável" –, Asclépio sofreu uma interessante metamorfose dentro da mito-



Triptólemo, herói predileto de Deméter, dispõe-se a percorrer o mundo em um carro alado para iniciar os homens na agricultura. À sua frente, Core ou Perséfone, deusa do mundo subterrâneo, verte uma libação. Atrás do carro está Deméter, deusa da agricultura e promotora da civilização.

logia grega. Depois de aparecer como deidade oracular ctônica (relativa ao mundo subterrâneo, aos deuses gregos que não habitavam o Olimpo), mais tarde surge como deidade apolínea, e, em esculturas subseqüentes, torna-se um deus barbado, escuro, com características de Zeus, cuja qualidade mais marcante é a cordialidade.

Filho do deus Apolo e da mortal Corônus, Asclépio sofre prematuramente os efeitos desta estranha união. A mãe, temendo ser abandonada na velhice pelo deus eternamente jovem, ainda grávida resolve se unir a Ísquis, um mortal. Apolo, ao saber da infidelidade de Corônus através de um corvo (diz a lenda que até então os corvos eram brancos, mas, devido a esse fato perturbador, Apolo os teria tornado pretos), mata Ísquis e pede a Ártemis, sua irmã, que liquide Corônus. Ovídio relata que, pouco antes da morte de Corônus sobre a pira funerária, Apolo resgata o filho abrindo o ventre da

mãe e coloca a responsabilidade pela sua criação no centauro Quirão.

Quirão (do grego *Kheiron*, abreviatura de *Kheirurgós*, "que trabalha ou age com as mãos", daí cirurgião) foi um grande médico, além de ensinar a arte da música, da guerra e da caça. Também chamado "médico divino ferido", parece a figura mais contraditória em toda a mitologia grega. Apesar de ser um deus grego, ele sofre de uma ferida incurável. Além disto, sua natureza combina o animal e o apolíneo, pois, a despeito de seu corpo de cavalo, marca tanto de fecundidade quanto de destrutividade, típica das criaturas da natureza, ele instrui os heróis na medicina e na música.

O centauro pode representar os dois aspectos essenciais da medicina: o cavalo, indicando a natureza intuitiva e irracional da arte médica e o humano, indicando a natureza científica. Desta forma, em boa parte a arte médica deve ter uma conexão com o irracional. Como comenta C. A. Meier, profundo estudioso da inter-relação corpo-mente e um dos mais próximos colaboradores de Jung, no livro *Ancient Incubation and Modern Psychotherapy* (A Antiga Incubação e a Moderna Psicoterapia), "poderíamos até dizer que, na medicina, aquilo que *funciona* é irracional".

Tanto Asclépio quanto Quirão – ferido incuravelmente pelas flechas venenosas de Hércules – representam exemplos míticos de curadores que também precisam ser curados. Essa situação mitológica pode ser encontrada em conexão com diversas outras divindades curadoras e heróis, como Hércules, Psiquê e Télefo, onde a ação ou instrumento que provocou a ferida também é a fonte de cura. Isto nos leva ao mito da ambivalência da droga (*pharmakon*), ao mesmo tempo veneno e antídoto, encontrado

tanto no desenvolvimento da medicina homeopática, na produção de vacinas, no desenvolvimento das modernas práticas psicoterapêuticas, quanto no inconsciente do homem moderno, revelado através de seus sonhos e fantasias.

O poder de Asclépio

Com Quirão, Asclépio se torna um grande médico, chegando a ressuscitar vários mortos. Zeus, enfurecido pela interferência na ordem divina das coisas, fulmina-o com um raio. Mas, co-

A ARTE MÉDICA DEVE TER CONEXÃO COM O IRRACIONAL.

mo diz o filósofo e geógrafo Artemidoro, "ninguém que tenha sido morto por um raio permanecerá ignorado. Este receberá a honra de ser um deus". Isso explica como Asclépio, médico mortal, chegou a ter um lugar entre os deuses. Sua natureza ctônia se traduziu no fato de ser sempre adorado perto de fontes e grutas. No mais antigo e famoso santuário de Asclépio, em Trica, Tessalônica, ele era consultado como um oráculo.

Representado muitas vezes como uma serpente ou um cão – provavelmente incorporado do pai Apolo –, famoso como caçador invencível, adorador de cães, seu santuário em Epidauro era chamado *Cyon* (cão). Entre os

povos indo-germânicos em geral, os cães são considerados guias. Sua habilidade para seguir trilhas e sua natureza intuitiva – que também caracterizam um bom médico – os tornam especialmente apropriados para esse papel.

O cão simboliza portanto o psicopompo, o guia do homem na noite da morte, após ter sido seu companheiro no dia da vida. Assim são os cães infernais Anúbis, no Egito, e Cérbero, na Grécia. Familiarizado com o mundo invisível, ele não se contenta em guiar os mortos; também é intercessor entre este mundo e o outro, atuando como intermediário entre os vivos, os mortos e as divindades subterrâneas.

A serpente, por outro lado, representa aquilo que é mais oposto ao homem, o obscuro, o misterioso, aquilo sobre o qual temos menor controle. Como um dos símbolos de Asclépio, a serpente representa o potencial de cura, possível através do contato consciente com aquilo que é obscuro, serpentina, sombrio em nós.

De seu pai Apolo, Asclépio recebe o dom da adivinhação, da profecia. Considerado pelos gregos como aquele que ilumina a obscuridade, desfaz os conflitos, manifesta o desconhecido, determina o incerto, ele simboliza a intuição penetrante, origem da sabedoria. "Outros povos conheceram a arte divinatória, mas nenhum a elevou a símbolo decisivo, pelo qual, no mais alto grau, a potência se exprime em conhecimento, como aconteceu entre os gregos", afirma Colli. "Em todo o território helênico existiram santuários destinados à adivinhação; ela se manteve como um elemento decisivo na vida pública e política dos gregos. Adivinhar implica conhecer o futuro e manifestar, comunicar tal conhecimento. Isso ocorre através da palavra do deus, do oráculo. Na palavra, manifesta-

se ao homem a sabedoria do deus, e a forma, a ordem, o nexo em que se apresentam as palavras revela que não se trata de palavras humanas e sim divinas. Daí o caráter exterior do oráculo, a ambigüidade, a obscuridade, as alusões de árdua decifração, a incerteza."

A incubação no santuário

A incubação de sonhos consistia no ritual de adormecer em um local sagrado, à espera de um sonho divino. Esses rituais existiram na maioria das culturas antigas, tanto para orientação pessoal e social quanto para a cura.

A incubação dos sonhos já era praticada no antigo Egito desde o século XV a.C. Na Grécia, vamos encontrá-la inicialmente associada aos cultos ctônicos e dos mortos, sendo sua origem provavelmente pré-helênica. Assim, sua utilização inicial baseia-se em dois fins específicos: obter sonhos mânticos (premonitórios ou até parapsicológicos) dos mortos e promover a cura.

Mas, na medida em que o Hades foi trazido mais perto dos vivos, sobretudo através dos pitagóricos e dos estóicos, já não há razão para procurar os sonhos em locais particulares e a *nekyomanteia* – adivinhação através dos mortos – passa a ter os dias contados.

Já a incubação com o objetivo de cura adquiriu importância pan-helênica após o século V, posição que manteve até os últimos tempos pagãos. Sua utilização como oráculo para a cura e a doença obrigou os gregos daquela época a se relacionar, em primeiro lugar, com um deus especialista em curas, estabelecendo-se então um culto correspondente; em segundo lugar, este deus deveria ser uma divindade ctônica, pois o corpo e a terra eram praticamente sinônimos. Isto fez com que Asclépio se tornasse naturalmente o deus da

cura oracular.

Restam poucas informações precisas sobre os rituais praticados nos santuários de Asclépio. O que sabemos é que doentes desenganados pela medicina daquela época iam aos santuários, os *hieron*, em geral situados em um lugar remoto mas bastante aprazível e saudável, propício à cura. Mas, quando se tratava de um doente a ponto de morrer ou de mulheres prestes a dar à luz, recebiam ordens de permanecer fora do santuário, pois ele devia manter-se ritualmente limpo. Esse costume, cruel para nós, seria usado pelos médicos do mundo antigo, invejosos do poder do culto de Asclépio, e mais tarde pelos patriarcas da Igreja.

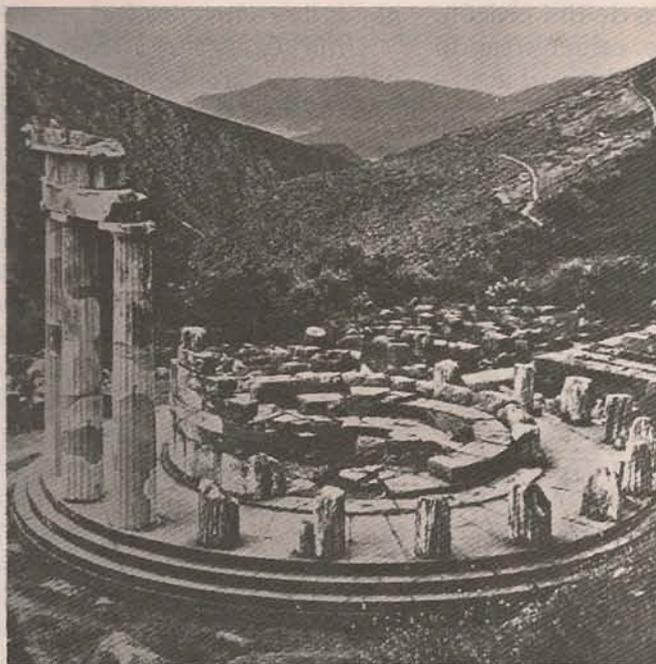
Certos ritos de purificação e ablução tinham que ser realizados antes do ritual de incubação de sonhos. Eles são resumidos pela seguinte inscrição encontrada em Epidauro:

"Que todo aquele que entre no Templo perfumado de incenso esteja limpo. Mas que não seja considerado limpo senão aquele que tenha pensamentos puros na mente."

Uma das preliminares necessárias para a incubação era um banho, já que no mundo antigo se considerava que a água tinha efeito purificador, tanto sobre a alma quanto sobre o corpo. O banho representava, ainda, um retorno à fonte da vida, à matriz original, uma espécie de esquecimento, de renúncia do indivíduo à sua própria identidade, o que lhe conferia propriedades iniciáticas e terapêuticas. Carl Jung, em sua obra *Sonhos*, afirma que "é na incubação de sonhos, na orgia dionisíaca e na morte ritual de iniciação que ocorre uma identificação atávica com os ancestrais humanos e animais, que podem ser interpretados psicologicamente como uma integração do inconsciente, um verdadeiro banho de renovação na fonte da vida onde somos novamente um peixe, inconscientes como no sonho, na intoxicação e na morte".

O sonho efetivo

Logo após a realização de alguns sacrifícios, o doente era convidado a entrar no santuário (*ábaton*), onde se encontravam



Santuário de Delfos.

estátuas dos irmãos gêmeos Hipnos, deus do sono, o generoso, e Oneiros, deus do sonho. O diagnóstico e a cura aconteciam durante o estado especial de consciência, chamado hipnagógico, que ocorre imediatamente antes do sono, quando as imagens são percebidas como que projetadas numa tela.

Provavelmente, só era permitido entrar no templo aos convidados, pois *ábaton* ou *ádyton*

O DEUS SURGIA NUM SONHO, TOCAVA O CORPO E SUMIA.

significa "um lugar onde não se deve entrar sem ser convidado". Provavelmente, esse convite poderia vir através de um oráculo ou de um sonho, caracterizando o sentido original de incubação e o caráter do culto de Asclépio. Para ser iniciado nos mistérios, o doente precisava ter uma visão de significado inequívoco, chamada "o sonho efetivo ou curador". E Asclépio não era de grande ajuda apenas aos doentes, mas também aos moribundos. Próximo da morte, Sócrates diz que Asclépio é aquele "que pode nos curar da febre chamada vida". Um hino órfico a Asclépio atesta isso: "Venha, abençoado amigo, dar à vida um nobre final".

O deus aparecia num sonho ou numa visão, como um homem barbado ou como um me-

nino ou, mais freqüentemente, em uma de suas formas teriomórficas, a serpente ou o cachorro, tocava a parte afetada do corpo do doente e logo depois desaparecia. É importante lembrar que não eram necessários nem interpretadores de sonhos nem médicos nos santuários, pois toda cura se realizava através do ritual. Os numerosos sacerdotes, ou asclepiades, tinham a função muito provável de terapeutas, no sentido usado pelo médico grego Galeno, quando diz que "a cura pode ocorrer nos casos onde o sentido interior da doença é personificado e se expressa através de símbolos".

Os doentes curados contavam suas experiências, ou eram obrigados a narrá-las para que alguém as registrasse, o que corresponde ao que Freud chamou de "elaboração secundária", necessária "para que o sonho perca a aparência de absurdo e de incoerência e se aproxime do padrão de uma experiência inteligível". Já aqueles que se iniciavam no ritual tinham que tomar nota cuidadosa dos sonhos, até que ocorresse uma coincidência com o sonho do sacerdote, pois se atribuía à sincronicidade efeito curador.

Uma vez registrado o sonho, o paciente aparentemente não tinha obrigações posteriores além de certas oferendas, sobretudo a realização de algum tipo de arte literária. Talvez advenha daí o fato de Asclépio ter se tornado patrono dos homens de cultura, eruditos e artistas: Platão chamou-o de "ancestral dos atenienses".

Nos registros, as curas são representadas como instantâneas, e podemos conjecturar que algumas realmente o fossem. Baseados em fenômenos contemporâneos, vale lembrar que um santuário pode manter sua reputação com uma pequena porcentagem de sucessos, desde que alguns tenham caráter milagroso.

O mistério da cura

Apesar de muitos templos já terem sido escavados e estudados, ainda não sabemos com certeza o significado funcional dos centros de incubação. Em muitos ainda não se sabe onde se localizava o santuário, o *ábaton*. Uma das construções mais interessantes é um edifício abobadado com uma base labiríntica chamada *tholos*, ou "lugar do altar ou do sacrifício". Embora ainda não completamente explicado, sabemos que sob o *tholos* de Pérgamo existia um riacho artificial, pois, no culto de Asclépio, a água era tão importante quanto a serpente e o cachorro, por representar psicologicamente morte voluntária (*voluntaria mors*) e renascimento, contendo, assim, um aspecto batismal. Por isso, eram necessárias grandes quantidades de água para que os incubantes se banhassem e purificassem para a incubação.

Outro achado importante na cúpula do *tholos* de Epidauro são algumas pinturas de figuras mitológicas. Uma representa Methe, a "intoxicação" (o excesso de bebida, o estado de embriaguez, a perturbação da razão), bebendo de um cálice de cristal transparente. A segunda representa Eros segurando uma lira em vez do arco e da flecha. Meier interpreta essa imagem como "a intoxicação da alma e a renúncia, por parte de Eros, da projeção das emoções em favor da música".

Aqui encontramos uma oposição tipológica clássica: Dioniso, representado pela intoxicação, e Apolo, representado pela música e seu poder de neutralizar a doença. Essas pinturas parecem significar que o templo de Asclépio não era apenas utilizado para a cura oracular, mas que o uso da música como purificação fazia parte do tratamento. De fato, nos santuários de Asclépio foram descobertos grandiosos teatros. E em uma passagem do *Íon*,

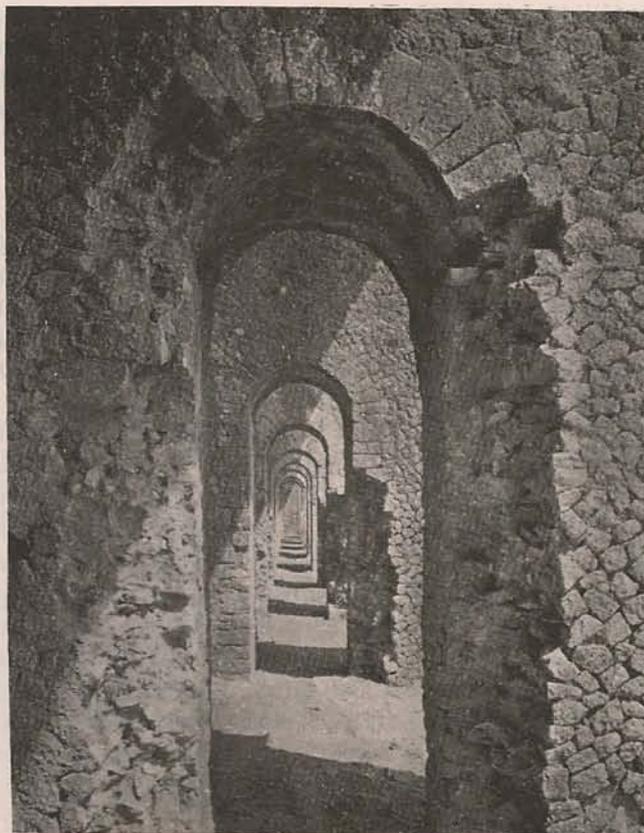
de Platão, observa-se a importância das competições de música e poesia como parte dos rituais de cura de Asclépio, tradição que provavelmente remonta à adoração de Apolo.

Embora sonhos, imagens e visões representem o método mais comum e universal de diagnosticar a causa e a cura das enfermidades, nunca esse conhecimento foi tão bem sistematizado e integrado nas práticas de cura quanto na era grega.

Além de Hipócrates e Galeno, também Aristóteles foi treinado na tradição de cura de Asclépio, sendo capaz de compreender o papel fundamental das imagens na cura das doenças. Aristóteles acreditava que o sistema emocional não funcionava na ausência de imagens, e que as imagens eram formadas pelas sensações derivadas do *sensus communis*, ou senso coletivo. Essas imagens causavam então mudanças nas funções corporais, afetando tanto a cura quanto a produção do distúrbio. O filósofo acreditava ainda que as imagens dos sonhos eram de vital importância para a cura, afirmando, na *Parva Naturalis*, que "mesmo os médicos de base científica crêem que devemos prestar atenção aos sonhos, e essa visão é razoável, não apenas para aqueles que curam, mas também para os filósofos especulativos".

No ritual de incubação de sonhos dos templos de Asclépio, o incubante era introduzido nos mistérios através de um sonho especial, uma experiência de morte e renascimento, da qual saía curado. Esse ritual era de caráter estritamente pessoal, pois o iniciado não apenas presenciava aquilo que o deus experimentava: ele mesmo o experienciava, tornando-se o próprio deus.

É interessante notar também o caráter autoritário atribuído a muitas das prescrições de Asclépio. Mas, em geral, isto acontecia



Templo de Zeus em Terracina.

quando um tabu tinha que ser quebrado para que uma cura pudesse realizar-se, o que demonstra que, para o deus, a cura da alma era o mais importante.

A idéia de quebra de um tabu para realizar a cura leva-nos a um comentário de Aristides, o general e estadista ateniense chamado O Justo: "É, na verdade, um paradoxo o método de cura do deus Asclépio". Trata-se do princípio *contraria contrariis*, de que o veneno, o proibido, é a cura, utilizado por todas as terapêuticas que se valem do próprio sistema imunológico do paciente para atingir a cura.

De Cós ao Cristianismo

No século IV a.C., Hipócrates e Galeno fundaram a escola médica científica localizada em Cós, que passou por várias fases históricas. Primeiro, houve um desenvolvimento científico. Após a morte de Hipócrates, estabeleceu-se um período mais teúrgico,

com a introdução do ritual e a construção do templo do deus Asclépio, chamado *Ascleiopia*, fundado pelos próprios estudantes, que sentiram que uma medicina puramente racional não preencheria todas as necessidades do homem grego daquela época. Finalmente, no começo da era imperial, o elemento racional tornou-se predominante de novo, o que levou à substituição do templo de Asclépio por um hospital do estado, onde os cidadãos recebiam tratamento médico livre de despesas.

Convém ressaltar que, ao falarmos de um período científico, não estamos falando de um período não-religioso, mas de uma religião do médico, que retinha o papel principal. No período teúrgico, tanto o médico quanto o paciente se colocavam em posição mais receptiva, deixando a cargo do ritual de incubação, e indiretamente do deus Asclépio, a responsabilidade pela cura.

Como observa Platão em *Íon*: "Todos os poetas épicos e, na verdade, os bons poetas, recitam todos esses belos poemas, não devido a uma arte, mas sim por estarem inspirados por um deus e por estarem possuídos por ele. O mesmo teríamos que dizer dos bons poetas líricos: da mesma forma que as pessoas presas do delírio dos coribantes não são donas de sua razão quando dançam, assim tampouco os poetas líricos são donos de sua razão quando compõem esses belos versos; no momento em que se envolvem com a harmonia e o ritmo, são arrebatados por um transporte báquico e, sob influência desta possessão, tanto quanto como com as bacantes quando possuídas pelo furor bebem mel e leite nos rios, coisas que não fazem quando são donas da sua razão. Isso mesmo faz a alma dos poetas líricos, como eles mesmos dizem".

Onde quer que os ritos de Asclépio tenham sido introduzidos, satisfazendo de forma profunda a necessidade de uma divindade pessoal e compassiva, o mito de Asclépio repôs o mito de todo e qualquer deus da Antigüidade ou fundiu-se a ele. Por ter o deus Asclépio sido extremamente bem aceito em Atenas – seu templo perdurou até o século V d.C. – e por ter alcançado um alto grau dentro da hierarquia divina pagã, ele foi particularmente detestado pelos primeiros patriarcas cristãos, que incentivaram a quase completa destruição dos seus templos. Sua lenda, porém, permaneceu incorporada ao cristianismo, através da tradição de cura dos santos Cosme e Damião.

Ao curar o paciente sem nada pedir em troca (nem mesmo que acreditasse nele, ou adorasse sua imagem), recomendando que fosse apenas um homem decente, livre de ressentimento ou vingança, Asclépio tornou-se o mais

forte rival pagão de Cristo. Isto fez com que os patriarcas da Igreja o considerassem um enorme perigo para a religião cristã ainda em formação.

Avatares da transformação

Apesar de vivermos atualmente em uma cultura dominada pela razão e o cientificismo, não podemos negar a dimensão pré-cristã de nosso inconsciente cultural.

Mantendo uma dupla moral, acreditamos nos avanços da ciência e na objetividade da medicina e em terapias modernas, até o ponto em que não mais respondem a nossas necessidades físicas e espirituais. Neste momento, quando a dúvida nos assola, outro conhecimento imemorial pode irromper à nossa consciência e nos mostrar outro mundo. Um mundo onde a

doença e a saúde, o homem e a natureza não estão separados, mas apenas intermediados por forças arquetípicas ou primordiais longamente esquecidas.

Acreditamos que o entendimento destas forças, integrado com a medicina e terapias modernas, possa nos ajudar a entender melhor a cisão corpo-mente e auxiliar o homem a reconquistar a harmonia perdida com o cosmos. Sonhos, imagens e fantasias, como dimensões do imaginário humano com poder de cura psicossomática e de estabelecimento do equilíbrio psicossocial, podem ser utilizados como avatares desta transformação. ▲

Roberto Ziemer é terapeuta corporal, professor da Universidade Holística de Brasília e membro da The Somatic Society e da Association for the Study of Dreams.

BIBLIOGRAFIA

- Achterberg, J. – *Imagery in Healing*, Shambhala Publications, Boston, 1985.
 De Becker, R. – *The Understanding of Dreams and their Influence on the History of Man*, New York, Hawthorn, 1968.
 Brandão, J. S. – *Mitologia Grega*, 3 vols., Editora Vozes, Petrópolis, 1987.
 Colli, G. – *O Nascimento da Filosofia*, Editora da Unicamp, Campinas, 1988.
 Cornford, F. M. – *De la Religión a la Filosofía*, Editorial Ariel, Barcelona, 1984.
Principium Sapientiae. As Origens do Pensamento Filosófico Grego, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1981.
 Dodds, E. R. – *Os Gregos e o Irracional*, Gradiva, Lisboa, 1988.
 Eliade, M. – *Birth and Rebirth*, New York, Harper and Row, 1975.
 Freud, S. – *A Interpretação dos Sonhos*, Edição Brasileira das Obras Psicológicas Completas, Rio de Janeiro, Imago, 23 vols.
 Grossinger, R. – *Planet Medicine. From Stone Age Shamanism to Post-Industrial Healing*, Garden City, New York: Anchor Press/Doubleday, 1980.
 Grunbaum, G. E. von & Caillois, R. (Eds.) – *The Dream and Human Societies*, Berkeley University of California Press, Berkeley, 1966.

- Guthrie, W. K. C. – *The Greeks and their Gods*, Beacon Press, Boston, 1955.
 Jung, C. G. – *Dreams*. Bollingen Series, Princeton University Press, Princeton, New Jersey, 1974.
The Structure and Dynamics of the Psyche, Collected Works, vol. 8, Bollingen Series, Princeton, 1960.
 Hillman, J. – *Suicide and the Soul*, New York and Zurich, Spring Publications, 1976.
The Dream and the Underworld, Harper and Row Publishers, New York, 1979.
O Mito da Análise, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1984.
 Kerényi, C. *Asklepios – Archetypal Image of the Physician's Existence*, Bollingen Series, New York, 1959.
 Lockhart, R. A. – *Cancer in Myth and Dream*, Spring, Zurique, 1977.
 Lyons, A. S. e Petrucelli, R. J. – *Medicine: An Illustrated History*, New York, Harry N. Abrams, Inc., 1978, (p. 170).
 Meier, C. A. – *Ancient Incubation and Modern Psychotherapy*, Northwestern University Press, Evanston, 1967.
The Meaning and Significance of Dreams, Sigo Press, Boston, 1987.
 Rhode, E. *Psyche. – The Cult of Souls and Belief in Immortality Among the Greeks*, New York, Arno Press, 1972.
 Rose, H. J. – *Primitive Culture in Greece*, Oxford, 1933.

Agosto/Outubro de 1992

CENTRO DE ESTUDOS FILOSÓFICOS DA ASSOCIAÇÃO PALAS ATHENA

A FILOSOFIA DE KANT

George Barcat
professor da
Associação Palas Athena

O sistema kantiano pretendeu harmonizar as várias correntes de pensamento existentes no seu tempo: o racionalismo, o empirismo, o iluminismo, a filosofia da natureza elaborada por Newton, a teologia cristã e até mesmo o romantismo de Rousseau. Tarefa que, em grande medida, foi notavelmente bem concluída.

P R O G R A M A

1. Visão panorâmica da filosofia de Kant
 - motivações culturais
 - Descartes e Hume
 2. O que posso saber?
 - o conceito de razão
 - reformulação da relação sujeito-objeto (a "revolução copernicana")
 - a teoria da sensibilidade, da imaginação, do entendimento, da razão pura
 - o fenômeno e o nùmeno
 - pensar e conhecer
 3. O que devo fazer?
 - crítica às éticas materialistas
 - moralidade e liberdade
 - os postulados da razão prática
 4. A crítica do juízo e a filosofia do direito
 5. A religião nos limites da simples razão
- De 13 de agosto a 1º de outubro
Quintas-feiras, das 19:30h às 21:30h
- Limite de vagas: 30

HISTÓRIA DA ÉTICA OCIDENTAL

George Barcat e Isabel
Cristina M. de Azevedo
professores da
Associação Palas Athena

A Ética é a forma de pensamento que analisa e procura orientar a vida moral de uma civilização.

Essa vida emana de uma fonte cuja natureza é histórica: a sensibilidade humana. É por isso que, de tempos em tempos, a Ética deve, se atualizar, reconstruir suas premissas e retrçar seus caminhos.

P R O G R A M A

- O Bem e a organização da Pólis no pensamento de Aristóteles
 - A questão das virtudes na Idade Média
 - Razão e infinito na ética de Espinosa
 - Kant e a lei moral
 - A genealogia da moral segundo Nietzsche
 - A Ética e o individualismo contemporâneo
- De 19 de agosto a 16 de dezembro
Quartas-feiras, das 19:30h às 21:30h

A TRADIÇÃO MÍSTICA NA FILOSOFIA OCIDENTAL

George Barcat
e Lucia Benfatti
professores da
Associação Palas Athena

Viver a experiência do sagrado, eis o grande desejo do verdadeiro místico. Não para dominar segredos e poderes ocultos – como é o caso dos "magos" – mas para pertencer à experiência e nela se encontrar.

Estudaremos as origens e o destino da mística na filosofia ocidental com a intenção de resgatar seu sentido mais profundo: revelar o valor da prática do recolhimento espiritual.

P R O G R A M A

- O homem e o sagrado
 - A psicologia e a experiência mística
 - Os órficos e sua metafísica da alma:
 - Orfeu, Pitágoras e Platão
 - O neoplatonismo de Plotino
 - Mestre Eckhart e o fundamento moral do agir sem um porquê
 - O cristianismo perdido
- De 8 de outubro a 10 de dezembro
Quintas-feiras, das 19:30h às 21:30h
- Limite de vagas: 30

TERCEIRA IDADE: O DOMINGO DA VIDA

*Há três idades na vida:
a do aprendiz, a do guerreiro, a do sábio.
Por que, chegada a hora de abandonar o guerreiro,
são tão poucos os sábios?*

VERÔNICA RAPP DE ESTON

A população do mundo está envelhecendo: esta é a conclusão das estatísticas demográficas. Pesquisas divulgadas pela Fundação Sistema Estadual de Análises de Dados (SEADE) demonstram que até o ano 2000 o Brasil deixará de ser visto como um país de jovens. A expectativa de vida dos brasileiros, que em 1950 era de 40 anos, em 1990 chegou aos 65 (para o Estado de São Paulo, em 1985 esta expectativa já era de 68 anos). Segundo o SEADE, até 2025 o país deverá ter 225 milhões de habitantes, dos quais 34 milhões – 15 por cento da população – serão idosos.

Os grandes avanços da Higiene e da Saúde Pública e a descoberta dos antibióticos durante a Segunda Guerra Mundial foram certamente responsáveis pelo

combate eficiente às moléstias infecciosas, principal causa de mortalidade das populações em geral. Basta lembrar que a penicilina, primeiro antibiótico descoberto, foi desenvolvida como a medicação mais eficaz contra moléstias infecciosas durante a

Segunda Guerra e mantida como importante segredo de guerra. Hoje existe uma variedade crescente de antibióticos, a ponto de as moléstias infecciosas terem deixado de ser a primeira causa de mortalidade na maioria dos países: cederam lugar às doenças

*Não me deixe rezar por proteção contra os perigos,
mas pelo destemor de enfrentá-los.*

*Não me deixe implorar pelo alívio da dor,
mas pela coragem de vencê-la.*

*Não me deixe procurar aliados na batalha da vida,
mas a minha própria força.*

*Não me deixe suplicar com temor aflito para ser salvo,
mas esperar com paciência para merecer a liberdade.*

*Não me permita ser covarde, sentindo sua clemência no meu êxito,
mas deixe-me sentir a força de sua mão quando eu cair.*

Colhendo Frutos - Rabindranath Tagore

EM ROMA, O SENADO ERA FORMADO POR ANCIÃOS: A EXPERIÊNCIA VALIA MAIS

cardiovasculares e ao câncer, moléstias ditas degenerativas e características do envelhecimento.

E mais. Os geneticistas afirmam que a sobrevivência genética do homem deve ser de 120 a 130 anos. Existem realmente algumas populações em afastados rincões montanhosos onde esta idade é freqüente.

A verdade é que a um quadro auspicioso se contrapõe a atitude geral de nossa civilização ocidental. O mais comum é os jovens (e não tão jovens) reagirem à idéia da velhice com um: "Tenho horror de envelhecer!". Ora, até hoje, a medicina só descobriu um remédio para não envelhecer: "O único jeito de não envelhecer é morrer cedo" é uma frase muito antiga, freqüentemente repetida por atuais cientistas americanos que estudam o assunto.

Para a OMS - Organização Mundial de Saúde, a terceira idade se inicia aos 65 anos em países desenvolvidos e aos 60 nos do Terceiro Mundo. Vamos falar aqui daqueles que ultrapassaram a idade cronológica dos 60 anos. Não abordaremos a senectude, aquela fase final da vida em que a pessoa já não consegue cuidar de si mesma e depende de outros e que seria chamada, mais corretamente, de quarta idade.

Anos à vida e vida aos anos

O eminente psicólogo e psiquiatra Carl Gustav Jung disse que a vida se divide em três fases: a do aprendiz, a do guerreiro e a do sábio.

O homem moderno habituouse a viver intensamente a fase do aprendiz. Enquanto nas civilizações primitivas, por volta dos 15 anos o jovem tinha condições de

assumir todas as responsabilidades do adulto, atualmente esse preparo exige muitos anos mais. Dependendo da profissão, o jovem só está apto aos 20, 25 ou 30 anos, às custas de muito estudo, esforço e dedicação.

A fase do guerreiro também é supervalorizada. Admiramos homens e mulheres jovens, cheios de vitalidade, intensamente dedicados ao fazer e ter. Quanto mais, melhor.

Mas desaprendemos por completo a viver a fase do sábio: esquecemos de nos preparar para viver o envelhecimento que, inexoravelmente, chegará.

No entanto, nem sempre foi assim. A palavra *senador* tem a mesma raiz latina - *senex* - de *senectude* e *senilidade*. Em Roma, o Senado era formado por anciãos, indivíduos cuja experiência de vida era mais importante que a energia física. Este respeito pela sabedoria dos mais velhos permanece atualmente nas filosofias orientais e em algumas seitas religiosas onde o Conselho dos Anciãos é formado por aqueles que têm maior experiência dos ensinamentos, independente da idade cronológica.

Em nossa civilização ocidental, ao contrário, o termo "velho" tornou-se altamente pejorativo. Ninguém quer ser velho. Em recente programa de tevê em que foi entrevistado um grande número de idosos, todos, sem exceção (mesmo os que haviam ultrapassado os 80) negaram terminantemente a hipótese de se sentirem velhos. Este pavor de envelhecer é compreensível já que, entre nós, o indivíduo que não é mais produtivo do ponto de vista material passa a ser considerado um traste inútil, apenas

um peso morto para a família e a sociedade, do qual conviria se desfazer, acarretando para o velho a sensação de estar sendo rejeitado, com a conseqüente depressão e solidão.

Há pouco, um anúncio de uma companhia que oferecia planos de aposentadoria também ilustrou muito bem essa mentalidade. Um homem de uns 30 anos, ao ser abordado sobre o assunto, exclama: "Eu, pensar em aposentadoria?! Estou no início da vida! Quero é cuidar de minha carreira e minha família!" Aos 40, o homem quer ter uma boa casa e um carro do ano. Aos 50, quer se divertir e curtir a vida. E aos 60, como é que fica?

Para poder viver uma velhice sadia e, portanto, feliz é necessário se preparar desde cedo para essa fase da vida, tal como nos preparamos para a do guerreiro.

A gerontologia (pesquisa dos *gerontes*, isto é, dos velhos) tem como lema "acrescentar anos à vida e vida aos anos". Somente quantidade de vida não vale a pena, se não houver qualidade - esta sim, vale a pena.

A educação para a boa idade

Não há dúvida de que condições físicas, mentais e emocionais variam de pessoa para pessoa. Há indivíduos que aos 20 são verdadeiros velhos enquanto outros, aos 70 ou 80, ainda encaram a vida com otimismo e alegria.

A saúde física é, obviamente, fundamental para o bem-estar e depende de hábitos adquiridos desde a juventude: alimentação equilibrada e sadia, ausência de vícios (ah, os vícios tão estimulados pela sociedade de consumo! O álcool, sem o qual não pode



No Alaska,
um avô esquimó
ensinando a neta
a manipular um
brinquedo.

haver uma reunião social, o cigarro, que merece os mais belos anúncios e que faz o sucesso!), uma dose moderada de exercícios físicos para manter todo o organismo em bom funcionamento.

O geriatra Gorgônio José da Encarnação garante que um indivíduo com 90 anos pode apresentar idade funcional, isto é, a soma das idades cronológicas, psíquica e social, de uma pessoa de 50 ou 60. Daí vem a diferenciação: trata-se de alguém idoso, mas não muito velho. E confirma que também se constata o contrário: jovens de 20 ou 30 anos desgastados física e mentalmente a ponto de serem considerados velhos.

Quanto à saúde mental, comparando-se testes de QI (quociente de inteligência) de pessoas saudáveis de 20 a 93 anos, descobriu-se que a inteligência não se altera com a idade. O mesmo aconteceu com os testes de habilidade verbal e de informações gerais. Carl Cotman, médico da Universidade da Califórnia, mostrou que idosos fazem novas ligações entre os neurônios, numa espécie de processo de reparação, depois de terem sido danificados. Assim, cai por terra

a antiga suposição de que os neurônios cerebrais degeneram com a idade, sem possibilidade de substituição.

Em idade avançada, é muito comum atribuir eventuais lapsos à esclerose cerebral. Entretanto, o Instituto Nacional de Envelhecimento dos Estados Unidos, em pesquisas recentes, concluiu que a decadência que se verifica no corpo não ocorre no cérebro. Doenças orgânicas, e não a idade, estão por trás da maioria dos problemas que afetam a lucidez da mente dos idosos. De acordo com as pesquisas, o velho não perde a capacidade de raciocínio, nem há razões para supor que a idade leve ao declínio ou à perda das atividades cognitivas e intelectuais. O maior instituto de estudos sobre alterações causadas pela idade no organismo, o Gerontology Research Unit de Baltimore, nos Estados Unidos, também chegou à conclusão de que as pessoas não ficam "caducas": comportamento anormal é sinal de doença.

Mas, tal como acontece com o corpo, o cérebro precisa ser continuamente exercitado para se manter em plena forma. Na França, há clínicas de ginástica mental onde pessoas mais velhas desafiam seu raciocínio com quebra-cabeças ou jogos de memória, com base no princípio do "use-o ou perca-o". Por isso, aconselha-se que as pessoas procurem manter-se alertas durante toda a vida, sem deixar-se emboratar pela rotina: o raciocínio é a ginástica das células nervosas.

Acontece que, com frequência, essa ginástica mental é reservada apenas à atividade profissional. No entanto, preencher criativamente as horas de lazer é

considerado tão importante que já se tornou matéria de pesquisa da sociologia. Como afirma Renato Bernhoeft, um executivo de alto gabarito, em seu livro *Administração do tempo - um recurso para melhorar a qualidade de vida pessoal e profissional*, "a dura constatação de que o trabalho é importante na vida mas, ao mesmo tempo, não deve ser a única fonte de realização pessoal, é algo que muitos executivos só têm descoberto muito tardiamente. Em muitos casos, isso só ocorre quando conseguem voltar da UTI de algum hospital, perdem alguém afetivamente importante para sua vida ou quando se aproxima a época da aposentadoria. Concentrar a busca da felicidade e a realização pessoal exclusivamente na empresa é um erro comum do executivo, que termina sendo prejudicial para ele e para a organização".

Esta não é apenas uma forma de chegar despreparado aos anos da aposentadoria, mas um empobrecimento para a própria vida profissional: "Executivos excessivamente voltados para o trabalho dentro da empresa tornam-se resistentes às mudanças, perdem a visão global, sentem-se ameaçados e, muitas vezes, são menos produtivos e criativos do que aqueles que possuem outras fontes de realização", diz Bernhoeft.

O repouso do guerreiro

Inevitavelmente, vai chegando a hora em que as labutas do guerreiro terminam. Quando se aproxima o momento de deixar a atividade profissional, nem todos os homens são sábios. Segundo Bernhoeft, "chegar ao final de uma carreira profissio-

NA IDADE MÉDIA, O TRABALHO COMPORTAVA O PRAZER DO ARTESÃO

nal e verificar que toda sua experiência se tornou obsoleta, ao mesmo tempo que não existem condições de entusiasmo para dar início a um novo projeto de vida, é doloroso para muitos profissionais. A partir desta constatação, procuram tornar-se indispensáveis, retendo informações, boicotando os mais jovens e dificultando projetos de mudanças organizacionais". Em contrapartida, ele observa que executivos que, além do trabalho na empresa, lecionam, tocam algum instrumento, freqüentam atividades e amigos fora do trabalho, realizam viagens com fortes doses de aventura, se dedicam a um *hobby*, praticam esportes, escrevem textos, crônicas ou livros, são pessoas com uma visão do mundo, de seu trabalho e da própria vida, muito mais rica e feliz.

A necessidade de mudança não se coloca apenas aos executivos, ou aos que desenvolveram uma intensa atividade profissional fora de casa. Mulheres dedicadas por completo à família e ao lar muitas vezes chegam aos 50 anos e, com os filhos criados, ao perderem as funções de "rainha do lar" se sentem tão marginalizadas quanto um executivo longe de seu escritório. Então, apegam-se desesperadamente à família – todos conhecemos essas supermães que tolhem o caminho dos filhos. Para homens e mulheres, quaisquer que tenham sido suas ocupações, vale outra advertência de Bernhoeft: que a reflexão e a análise não sejam deixadas para uma fase de vida muito avançada, quando pode ser tarde demais para comandar a mudança.

Essa é uma etapa em que, os

que não se prepararam, caem no vazio. Sentem "nada mais tenho a fazer, não sirvo para mais nada" e concluem que só lhes resta... "matar o tempo"! Que desperdício! O tempo é nossa dádiva maior. Como ensina Buda, "cada minuto vivido vale por uma jóia preciosa".

Em lugar de *matar o tempo* jogando cartas, tomando um drinque com amigos entre conversas fúteis ou vendo ocas e intermináveis novelas de tevê, por que não desenvolver aquelas potencialidades sempre postergadas durante a fase de aprendiz e de guerreiro? Que tal *dedicar o tempo* às coisas esquecidas no fundo da gaveta, que de vez em quando nos chamavam, mas tinham de ser relegadas? No livro *O Homem, este Desconhecido*, Alexis Carrel afirma que a cada dia, um pouco de nós morre. Ele não se referia a nossas células, mas a nossas emoções. É este o tempo para resgatá-las, à luz da experiência.

Ao escolher uma profissão, o jovem é forçado a deixar de lado muitas tendências. A luta pela vida lhe exige que concentre esforços para alcançar seu objetivo. E o guerreiro tem de usar as armas que aprendeu a manejar com eficiência para garantir sua sobrevivência e a dos que dele dependem. A terceira idade, livre desses compromissos, é a chance de rever o que ficou de lado – e que, com freqüência, dá novo sentido à vida. Conheço donas de casa que aos 50 anos se dispuseram a enfrentar um vestibular e completar um curso superior, aproveitando a experiência de vida numa nova profissão. Para os artistas frustrados – músicos, pintores, escul-

tores, poetas, escritores, artesãos – esta é a hora de permitir que essa faceta se manifeste e desenvolva.

Os artesãos do prazer

Existe um segredo para que essas atividades sejam vividas com satisfação: é entregar-se a elas de maneira criativa. O que é bem diferente de deixar-se levar passivamente em viagens programadas ou conceder-se longas férias quando não há uma real necessidade de descanso.

"O trabalho, quando era executado por artesãos da Idade Média, comportava, além de sua significação social e econômica, o prazer intrínseco pela realização da tarefa, ou seja, o indivíduo dominava todo o universo do processo de produção", observa Flávio Carvalho de Ferraz, professor de Medicina do Trabalho na Faculdade de Medicina da USP. "Não havia divisão em sua ação. Hoje, com as modernas linhas de montagem, procedeu-se a uma cisão, que não se ateve apenas à tarefa, mas se estendeu ao indivíduo. O trabalhador perdeu o sentido de seu trabalho e deixou de existir enquanto ser psíquico no momento de sua execução." E a psicóloga e analista junguiana Denise Ramos acrescenta: "Não é o excesso de trabalho nem um evento doloroso que levam ao stress, mas a impossibilidade de expressão criativa e a falta de reflexão sobre o significado da própria existência que podem transformar um fato corriqueiro, a rotina, em um acontecimento traumatizante".

A terceira idade coloca-nos diante da possibilidade de livrar-nos da rotina. Podemos voltar a ser artesãos. Temos a liberdade de fazer um trabalho pelo

simples prazer de criar, sem preocupação econômica. Nesse aspecto, a maioria das mulheres leva certa vantagem sobre os homens, na medida em que, ao longo da vida, costuma ter um trabalho de tricô, crochê, um bordado ou uma tapeçaria em andamento. Mas esse prazer de ver uma pessoa amiga usando uma peça feita com as próprias mãos ou uma tapeçaria enfeitando a casa de um amigo pode ser experimentado pelos homens. Uma pequena oficina de marcenaria ou de trabalhos em couro não requer muito espaço nem investimento. O resto é vontade de começar e, se necessário, aprender – não vale dizer "não sei, nunca fiz". Por que razão seria tarde para começar algo que dê prazer?

Sem a necessidade de obter aprovação ou lucro, a arte é um imenso território a ser cultivado. Desenhar, pintar, fotografar – paisagens, gente, viagens, os netos, tudo. Ouvir a música que mais agrada, participar de um conjunto amador (a música é um fator harmonizante, cuja influência em nosso psiquismo é cada vez mais reconhecida e pesquisada). E ler! Quantos livros deixamos de conhecer por falta de tempo para uma leitura mais concentrada? Jornais e revistas nos mantêm em dia. Mas um livro pode propiciar distração por muitas horas e idéias por muitos meses. Há, enfim, todo um universo ao alcance da mão.

Até uma viagem superprogramada por uma companhia de turismo pode dar asas à criatividade. Uma coisa é deixar-se conduzir passivamente. Outra é estudar o roteiro, procurar conhecer pormenores dos lugares per-

corridos, manter um diário e registrar com fotografias tudo o que chamar a atenção – descobertas que podem ser lembradas e partilhadas durante muito tempo com a família, os netos, os amigos.

Olhar para o passado

Um diário de viagem, anotações do dia-a-dia podem trazer à tona a veia de poeta ou escritor, reprimida por coisas mais urgentes a serem resolvidas. O momento é ideal para escrever uma autobiografia. Para repensar a vida revendo o passado através da tênue neblina do distanciamento que suaviza o contorno das lembranças, tornadas menos ásperas e contundentes. Para, em um balanço geral, relembrar todos os momentos – os difíceis e sobretudo os bons. Esta é a oportunidade de livrar-se do inútil, do supérfluo que se carrega por hábito, para concentrar-se no que realmente importa. É uma ótima ocasião para abrir mão de

apegos materiais e, mais ainda, afetivos, e assim não incorrer no risco de cobrar atenção dos que nos cercam só porque um dia cuidamos deles. A hora é boa para rever o relacionamento com os outros: a família, os amigos e... os inimigos.

Nesta nova análise, muitas mágoas, ressentimentos e ódios podem parecer menos importantes, permitindo que o ódio seja substituído, se não for possível pelo amor, pelo menos por uma convivência pacífica. Um gesto tão simples como estender a mão a um antigo desafeto pode revelar-se uma verdadeira ponte sobre o abismo. E certamente sairemos desta auto-análise muito mais leves para enfrentar a caminhada que ainda temos pela frente.

Este voltar-se para si mesmo pode amenizar a tendência a esperar que outros resolvam nossos problemas. Achamos que devem ser criadas instituições sociais que dêem amparo aos velhos, que órgãos governamentais, em nível municipal, estadual, internacional até, devem cuidar deles. Em última instância, apelamos para um Poder Superior.

Não há dúvida de que certas organizações podem contribuir para dar aos velhos uma sensação de maior integração com a sociedade. Em vários lugares existem Clubes da Terceira Idade que organizam conferências, cursos, passeios, festas e excursões a preços acessíveis. Também há Universidades da Terceira Idade cuja finalidade não é profissionalizante, mas sim despertar no velho o interesse pelas mais variadas áreas do conhecimento, mantendo-o em dia com o presente. Tudo isso é muito



NA ÍNDIA, QUEM SE APOSENTAVA DEDICAVA A VIDA À AUTOCOMPREENSÃO

bom. Deve ser estimulante discutir com o neto mal entrado no curso secundário as últimas conquistas da biologia molecular ou da cosmologia. Mas, por maior que seja o apoio de instituições desse tipo é necessário que o velho, ele próprio, deseje participar da vida, sem considerar-se rejeitado ou marginalizado apenas porque já não desempenha uma atividade produtiva.

Todos conhecemos os exemplos, sempre citados, de figuras preeminentes ainda ativas em idade propecta – Albert Einstein, Rita Montalcini, Albert Schweitzer, Carl Gustav Jung, Madre Teresa de Calcutá, Victor Hugo, Simone de Beauvoir, Cora Coralina, Pablo Casals, Magdalena Tagliaferro, Pablo Picasso, Tarsila do Amaral, Katherine Hepburn e tantos outros. Todos eles conheciam o segredo de manter seus neurônios em permanente atividade para que não se atrofiassem. A pessoa comum também pode mantê-los ativos.

Mas a fase do sábio exige ainda algo mais: é exatamente nesta etapa da vida, quando já não somos escravos dos compromissos sociais e familiares, que devemos voltar-nos para nosso mundo interior e explorar as profundidades de nossa alma.

Olhar para dentro

A terceira fase da vida exige uma atitude mental e emocional de aceitação das transformações biológicas desta idade, redescobrimo o grande potencial que ela tem a nos oferecer: tornar-se sábio exige um aprendizado.

No Oriente, tal exploração do próprio eu é muito valorizada. Completadas as fases do aprendiz e do guerreiro, o indivíduo

procura um retiro espiritual onde possa dedicar-se ao crescimento interior. Depois de alguns anos de reclusão e introspecção, volta à atividade, agora como guia e mestre, para transmitir aos outros um pouco de sua sabedoria.

A esse respeito, o pesquisador R. Metzner, comentando o trabalho do Centro de Estudos de Política Social da Universidade de Stanford publicado sob o título *Changing Images of Man*, e que avalia possíveis alternativas futuras para a sociedade e suas implicações na política educacional, afirma que "a idéia do homem como estudante da vida ou buscador da sabedoria é uma imagem da maior aplicabilidade em relação às transições da sociedade nas quais estamos envolvidos. O ideal americano contemporâneo, conquanto reserve um lugar à função de estudante, tende a considerá-la temporária. Em oposição, a Filosofia Perene pensa no homem como permanente estudante da vida. Lao Tsé, um dos maiores sábios chineses, disse que 'o homem sábio de 70 anos de idade não hesita em perguntar a uma criança de 7 e dela aprender'."

A idéia do homem como estudante da vida também sugere um remédio para algumas das deficiências produzidas pela nossa idéia de felicidade como equivalente à produção econômica e consumo, observa Metzner. "Assim, temos o espetáculo degradante de homens e mulheres com 50 ou 60 anos de idade, que não são mais produtores econômicos, deixados abandonados a vegetar em comunidades de aposentados."

Em contraste, ele lembra que

existia na Índia, até pouco tempo atrás, o conceito de Chefe de Família que, dispensado de suas obrigações, depois de ter criado os filhos até a idade adulta, se aposentava de sua profissão ou negócio e entrava para um centro de treinamento de meditação ou *ashram*, ou trabalhava com um mestre, a fim de dedicar o restante da vida ao estudo da consciência e da autoconsciência. "Baseados neste conceito, podemos imaginar as pessoas mais idosas revitalizando suas finalidades e atitudes de vida em uma nova direção, orientada espiritualmente e criativa, que permitiria a reintegração da tradicional 'sabedoria dos anciãos' à vida da comunidade de maneira construtiva", conclui Metzner.

Todo este percurso nos leva a um tema que atualmente é tabu: a idéia de que tudo tem um fim. A morte tornou-se um assunto evitado ao máximo. Por todos os meios, procuramos esconder-nos dela. Antigamente, era tabu nos meios sociais falar de sexo, gravidez, parto etc. As mulheres grávidas procuravam, de todas as maneiras, esconder seu "estado interessante". Hoje, estes assuntos estão incluídos na conversa diária. Futuras mães ostentam orgulhosas sua nova e promissora condição. Agora, a morte é o assunto proibido.

O sonho da imortalidade

Do ponto de vista biológico, o sonho da imortalidade física é uma utopia. Estão aí as múmias dos faraós para nos convencer de que, após milhares de anos, o corpo físico continua inerte. O homem moderno apenas modificou a técnica. Hoje, o congelamento do corpo, ou apenas da

Foto da
Findhorn Foundation

cabeça, satisfaz os que não conseguem aceitar a idéia de um fim e serve aos espertalhões que exploram a credulidade e a vaidade humanas.

Precisamos aceitar a realidade de que nada no Universo é estável e permanente. Tudo, absolutamente tudo, está em constante transformação. E não apenas nos seres vivos, pois a cada instante somos biologicamente diferentes do que fomos no instante anterior. Sabemos hoje, através das pesquisas da cosmologia, ciência de vanguarda, que mesmo os astros nascem, crescem, atingem um apogeu, decrescem e desaparecem. É o princípio da impermanência, já tão bem descrito por Siddharta Gautama, o Buda, 600 anos antes de Cristo: somente existe possibilidade de evolução, no mais amplo sentido, onde há possibilidade de transformação.

Como exprime o geneticista François Jacob, prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina, "as pesquisas da genética nos revelam que a morte é condição necessária à própria possibilidade de uma evolução. Não a morte vinda do exterior, como consequência de algum acidente. Mas a morte imposta pelo interior como uma necessidade prescrita, desde o ovo, pelo próprio programa genético. A morte faz parte do sistema selecionado no mundo animal para sua evolução".

Jacob afirma que muitas coisas podem ser esperadas do que atualmente se denomina "gênio biológico": a solução de numerosas epidemias, do câncer, das doenças do coração, das doenças mentais; a substituição de diversos órgãos por transplante ou prótese; remédios para certas de



ficiências da velhice; correção de certos defeitos genéticos e até a interrupção de uma vida ativa que mais tarde poderia ser retomada. Mas existem poucas possibilidades de que algum dia se consiga prolongar a vida além de certo limite. "As exigências da evolução se adaptam mal ao velho sonho da imortalidade", conclui.

No livro *Morte e Suicídio - uma Abordagem Multidisciplinar*, de diversos autores, a sugestão é que se adote uma educação transpessoal para a morte: "Uma educação (desde criança, é bom que se diga) para morrer se impõe a fim de aliviar o homem de seu medo e apavoramento diante da morte. Ele deve preparar-se

para o processo tanático do morrer e da morte (sua e dos outros). Isso, paradoxalmente, para que viva melhor, curtindo a existência no saborear de cada dia, na realidade de hoje, na concretude do aqui e agora, sem o sentimento de perda do ontem ou a desesperança do amanhã. Enfim, que o homem se concilie com a morte que nele vive permanentemente".

Para curtir a existência no saborear de cada dia, devemos cultivar o entusiasmo ao longo de toda a vida. Entusiasmo é luz interior. A palavra, de origem grega, significa (*en*) dentro, (*theos*) deus. Deus dentro, deus que é sopro divino, inspiração, alma. Então, podemos cantar,

com Roberto Carlos: "Obrigado, Senhor, por mais um dia".

A hora da sabedoria

"Qual alpinista que, chegado ao cume da montanha conquistada, divisa, na suave luz crepuscular, horizontes nunca antes suspeitados, assim o homem e a mulher, chegado ao fim da idade madura e aliviados da pesada carga das obrigações, podem olhar o panorama de seu futuro imediato ou distante sem apreensão e com otimismo", diz, no livro *A Arte de Envelhecer*, o professor, médico e psicólogo Mira y López.

"A velhice é o domingo da vida", acrescenta a psicóloga Magdalena Léa, sua discípula e tradutora, em *Quem tem Medo de Envelhecer?* "Um ser humano que evolui normalmente, nasce, cresce, procria, descansa e termina contemplando sua trajetória. E então, missão cumprida, todos temos direito ao nosso domingo de lazer. Domingo é dia de alegria, de recreio. Podemos pôr, dentro de nosso domingo, tudo o que quisermos. Domingo é dia de sol, sol que é luz do espírito, da sabedoria".

O indivíduo que viveu plenamente, aproveitando todos os momentos que lhe foram dados para sua evolução pessoal e para o bem da humanidade, pode encarar com tranquilidade o fim, pois cumpriu plenamente sua missão – a exemplo de uma amiga que, ao completar 80 anos, recebeu dos netos esta mensagem:

Vó Maria:
do bom humor
do papo eclético
da paciência
do pique
do sempre-tá-bom

do tudo é festa
da amizade
dos conselhos
da esperança
do equilíbrio
do bom senso
da adaptação
do exemplo
da não-cobrança
do amor
do alto dos seus 80 anos –
rogue por nós.

E não se pense que a vida dessa vó Maria – Maria von Ihering Azevedo – sempre foi um céu de brigadeiro, um mar de almirante. Como ela mesma diz no livro *Minhas Conversas com o Pai*:

"O Todo-poderoso, na Sua infinita bondade, tem feito tudo que eu peço, mas... na hora e do jeito que Ele quer!

Obrigada, meu Pai, por tudo, tudo, tudo!

Obrigada pelas graças que eu entendo. Contudo, há tantas mais que a gente nem percebe ou não sabe entender... E as graças que recebe quase com indiferença, como que por obrigação?

Perdoe, Pai, meu comodismo e minha ingratidão.

Vou estar atenta a todo benefício.

E correspondendo à Sua bondade, mesmo com sacrifício, quero cumprir com amor a missão que me foi dada.

Obrigada, mesmo, de todo coração!" ▲

Verônica Rapp de Eston é professora associada aposentada e co-fundadora do Centro de Medicina Nuclear da Faculdade de Medicina da USP e membro da Associação Palas Athena.

BIBLIOGRAFIA

- Azevedo, M. von Ihering – *Minhas Conversas com o Pai*, Edição particular, 1989.
- Bessa, A. H., D'Assumpção, A. E. & D'Assumpção, M. G. – *Morte e Suicídio – uma Abordagem Multidisciplinar*, Vozes, Rio de Janeiro, 1984. Citado in Tabone, M. – *A Psicologia Transpessoal*, Cultrix, São Paulo, 1988, p. 152.
- Bernhoeft, R. – *Administração do Tempo, um Recurso para Melhorar a Qualidade de Vida Pessoal e Profissional*. Ed. Nobel, São Paulo.
- Jacob, F. – *A Lógica da Vida*, Edições Graal Ltda., Rio de Janeiro, 1983.
- Léa, Magdalena – *Quem tem Medo de Envelhecer?*, Salamandra Consultoria Editorial S/A, Rio de Janeiro, 1989.
- Meirelles, P. – *Hobby, uma Saída para o Estresse*, "Doutora", ano VI, nºs 6/7, pp. 19-22, Moreira Jr. Editora Ltda., São Paulo, 1989.
- Metzner, R. – *O Estudante da Vida*, In Markley, O. W. & Harman, W. W., Editores. *Changing Images of Man*, Pergamon Press, New York, 1982, pp. 41-42.
- Mira y López, E. – *A Arte de Envelhecer*, Ed. Civilização Brasileira S/A, Rio de Janeiro, 1961.

OUTRAS LEITURAS RECOMENDADAS

- Batà, Angela M. La Sala – *À Procura da Verdade*, Ed. Pensamento, S. Paulo, 1984.
- Benfatti, L. – "Também a velhice é vida", *Revista THOT* nº 42, pp. 37-40, 1986.
- Bühler, W. & Anders, U. – "O medo da morte e como vencê-lo. Envelhecer criativamente", Associação Beneficente Tobias, *Folheto 111*, São Paulo, 1987.
- Burkhard, G. – "A biografia humana", Associação Beneficente Tobias, *Folheto 15*, São Paulo.
- Guardini, Romano – *A Aceitação de Si Mesmo. As Idades da Vida*, Ed. Palas Athena, São Paulo, 1987.
- Riemann, F. – *A Arte de Envelhecer*, Veredas, 1990.
- Skinner, B. F. & Vaughan, M. E. – *Viva Bem a Velhice, Aprendendo a Programar a sua Vida*, Summus Editorial, São Paulo, 1985.

UMA QUESTÃO DE VIDA OU MORTE

Nos Estados Unidos, surge um livro básico para quem quer compreender a crise nacional e mundial que atravessamos.

*É *Staying Alive, the Psychology of Human Survival*, de Roger Walsh, publicado pela Shambhala, ainda sem tradução em português.*

CARMEN FISCHER

O fato de termos chegado a uma época crítica da história da humanidade – uma época que poderá decidir o destino da nossa espécie e do planeta – não constitui, em si, nenhuma novidade. O novo é a consciência emergente, pela primeira vez na história, de que todas as grandes ameaças à sobrevivência humana são causadas pelo próprio homem. Todas elas têm origem no comportamento humano e, conseqüentemente, podem ser em grande parte de origem psicológica. Em outras palavras, nossos problemas globais são apenas sintomas de nossa condição psicológica individual e coletiva.

Em certo nível, isso pode parecer bastante óbvio. A tragédia

está em quão pouco levamos a sério essa compreensão e quão pouco atuamos com base nela. Quase todas as ações tendem a ser militares, políticas, econômicas, o que significa que podemos estar tratando apenas dos sinto-

mas, e não das causas subjacentes em nosso interior. Se quisermos ser realmente eficazes e garantir a sobrevivência humana, não teremos apenas que prover de alimentos os que passam fome e reduzir os estoques de



Foto da Findhorn Foundation

armas nucleares, mas também, e principalmente, corrigir os fatores psicológicos que, em última instância, nos levaram a tais problemas.

A questão que surge (e pode ser uma das mais importantes de nosso tempo) é como criar e aplicar uma psicologia de sobrevivência humana. Como criar uma psicologia que nos ajude a entender os problemas do mundo, bem como nosso papel na origem deles, que possa nos mobilizar e fortalecer para corrigi-los, e também nos fazer amadurecer, individual e coletivamente, na medida em que atuamos. A motivação está no fato de a transformação dizer respeito a cada um de nós, não apenas em termos de sobrevivência física, mas sobretudo de nossa felicidade. Transformar nosso comportamento predatório e assumir a responsabilidade pela vida é transformar nosso sofrimento em infinitas possibilidades de vida mais plena.

Na busca das raízes psicológicas de nosso dilema, esta obra aponta para nossas crenças, suposições, sentimentos e pensamentos destrutivos que estão na base de nosso comportamento. Mostra como nossas crenças tendem a se tornar fatos – portanto, se as destrutivas nos levaram à crise atual, sua substituição por outras novas, construtivas, pode nos levar à saída. E mostra como atuam nossos mecanismos de projeção: vemos nos outros comportamentos ou males que não queremos reconhecer em nós mesmos. Escolhemos um inimigo, um agressor, e depositamos nele todas as características negativas que não queremos ver em nós mesmos, seja ele russo, "vermelho", comunista (para os americanos, no tempo da Guerra Fria), ou negro, nordestino ou menino de rua, no nosso caso.

Nossa projeção para os meninos de rua, transformando-os em objetos de nossos medos e,

em consequência, de nossas defesas, serve para ilustrar esse comportamento predatório. Começa a vigorar em nossa sociedade, nas grandes massas de população, que o menino de rua é uma erva daninha a ser extirpada. Podemos constatar quanto somos covardes, escolhendo como inimigos crianças que não têm quem as defenda. Mas, em nossa cegueira e desespero, a transferência para elas de nossos medos e necessidades de defesa faz sentido: são milhares a ameaçar com sua delinquência a or-

MENINO DE RUA É ERVA DANINHA? É MUITA COVARDIA!

dem que tanto desejamos e o respeito que tanto reclamamos, mas não colocamos em prática, pelo menos no caso delas. Na verdade, como diz Jairo Fonseca, advogado e membro da Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil em São Paulo, há anos trabalhando com os meninos de rua, se eles são erva daninha, ela é subproduto consequente e obrigatório da sociedade que nós criamos.

Ao escolhermos nosso inimigo e depositarmos nele tudo o que há de pior no mundo, estão dadas as condições para o exercício da paranóia, a necessidade de defender-se dele a qualquer custo, nem que seja exterminando-o. Em escala global, os conflitos, competições e mesmo as guerras passam a ser inteiramente culpa do inimigo: está justificado

o ataque, em "legítima defesa".

Para colocar luz sobre os problemas atuais, o autor busca a ajuda da psicologia budista, que vê as causas de nossos problemas no desejo – que leva à ganância insaciável –, na repulsa (o inverso: a aversão pelo que não desejamos) e na ilusão. E associa o esgotamento dos recursos naturais e a competição internacional à ganância, que gera ódio e repulsa. As palavras de Gandhi, "o mundo tem o suficiente para satisfazer as necessidades de todos, mas não a ganância de todos", são lembradas para evocar uma reflexão profunda. Por outro lado, a idéia budista de ilusão – *maya* – sugere que nossos medos, defesas, ambições e ódios servem de tal maneira para ocultar nossa percepção, que vemos apenas imagens distorcidas do mundo e de nós mesmos, enquanto somos capazes de matar em defesa de sua veracidade.

As psicologias orientais são evocadas também para nos ajudarem a ver as consequências desastrosas de nossa visão excessivamente dualista, que nos faz enxergar o mundo em termos de oposição entre bem e mal, nós e eles, preto e branco etc., etc. Sem deixar de reconhecer a importância do dualismo para a identificação dos opostos, o autor aponta para o perigo de nos fixarmos neles, impedindo que vejamos sua relatividade e, sobretudo, que são parte do mesmo todo.

Essas questões constituem o cerne da abordagem dos problemas da sobrevivência humana e do próprio planeta, que hoje nos desafiam. A única consequência possível da não-cooperação é nossa própria destruição. No final, não haverá mais inimigo a se culpar: seremos todos perdedores. Em contrapartida, criar uma psicologia de sobrevivência humana e aplicá-la em nossas vidas pode ser uma das tarefas mais urgentes e compensadoras para cada um de nós... ▲

Espiritualidade ecológica

HENRYK SKOLIMOWSKI

Espiritualidade é um assunto sublime. Grandes almas e grandes mentes refletiram sobre isso e nos legaram muitas percepções iluminadas. Todavia ainda precisamos refletir muito, no mínimo porque queremos provar que estamos espiritualmente vivos. Nossas circunstâncias e problemas não têm precedentes e requerem uma nova resposta espiritual, uma nova forma de espiritualidade. Antigas concepções de espiritualidade foram criadas em resposta a diferentes problemas, no contexto de mundo, e com o objetivo de articular outras dimensões da condição humana.

Espiritualidade é uma articulação da condição essencial do homem, numa determinada época. Essa concepção de espiritualidade permite que se compreenda suas várias formas nas diferentes culturas e religiões; mas também nos adverte que não há uma forma única de espiritualidade para qualquer época, povo e condição do universo humano. À medida que o mundo muda e se amplia, que o conhecimento avança e se multiplica, que a mente e a psique se modificam, que a condição humana se rearticula, também a espiritualidade assume formas diferentes.

Neste momento testemunhamos o surgimento da Perspectiva Ecológica ou a visão ecológica do mundo. Sob ela o mundo é visto como um santuário. Agir no mundo como se estivesse num santuário é torná-lo sagrado e digno de reverência. Depende de nós em que o mundo se transforma. Trate-o como uma máquina e ele se transformará numa máquina. Trate-o como um lugar sagrado e ele se tornará um lugar sagrado. Reverência pela vida e por tudo o que há no universo é a primeira condição da espiritualidade ecológica. Celebrar o milagre da criação é contemplar o mundo com reverência.

Compreensão profunda da ecologia significa a reverência na ação, a profunda identificação com a beleza da vida pulsan-

do no universo até nos tornarmos parte dele. Desse modo o entendimento se torna empatia, e ela, reverência. *Em nossa época o ecológico e o espiritual se tornam um.*

Nestes tempos adorar a Deus é salvar o planeta. Se perdermos o meio ambiente, perdemos Deus. Hoje curar o planeta e a nós mesmos é trabalho espiritual de primeira grandeza. A ecologia nos une a todos, qualquer que seja nossa raça ou religião. A ecologia é o projeto de religião universal de nossa época. A idéia de redenção requer um novo significado – significa redimir o mundo curando a Terra. É preciso enfatizar: curar a Terra é o trabalho espiritual de nossa época.

Entender a devoção religiosa é reconhecer que todas as religiões são formas de adoração da beleza e integridade do planeta. A preocupação das religiões com o verde é uma clara indicação de que o grito de dor da Terra é ouvido pelas igrejas.

Espiritualidade também é, mais do que nunca, a compreensão de nossa potencialidade interior, a realização do deus interior dentro de nós. Precisamos nos tratar mutuamente de acordo com o que potencialmente podemos ser: luzes divinas que nos elevam e ajudam outros a curar, integrar, e ser mais reverentes. Trabalhar-mos para liberar e articular nossa divindade interior, e trabalhar no mundo exterior para curar a Terra, são aspectos complementares da espiritualidade ecológica.

O declínio das formas religiosas de espiritualidade não nos exime da responsabilidade de curar a Terra, e de realizar nosso potencial espiritual. Apesar da crise religiosa de nossa época, e talvez por causa dela, devemos ter a coragem de encontrar – em cada um de nós individualmente – não apenas o Jesus de Nazaré mas o Messias do Cosmos. ▲

Henryk Skolimowski é professor de Filosofia da Universidade de Michigan.

Tradução: Maria Helena Zockun.

THOT é uma publicação que não se limita a acompanhar as mudanças de idéias e fatos. **THOT** intervém nas mudanças, levando ao leitor as novas visões de mundo que surgem nas áreas da filosofia, das ciências, das artes, da mitologia e das tradições.

É nosso propósito refletir sobre a realidade interna e externa e compartilhar essa reflexão com nosso leitor: é ele o porta-voz dos novos rumos e aspirações que configuram o perfil de uma comunidade humana mais livre, responsável, compassiva e aberta.

Assim é **THOT**.

Participe conosco dessa aventura no mundo das idéias e dos fatos.

*Natureza é cor
Natureza é vida
Natureza, mãe-terra*



Binhos defendendo as cores do Pantanal.

**BINHOS
FOTOLITO**

Rua Miguel Teles Junior, 431
Fones: (011) 270-9609 / 270-9500
01540 - São Paulo - SP